

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

DANUZIA CORRÊA MATIOLA

**OFICINA DE TEATRO: NARRATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS A PARTIR
DOS DIÁLOGOS SOBRE “ESPAÇO E LUGAR” DO TEATRO NO PROJETO
AMBIAL – E.E.B. JOÃO FRASSETTO – CRICIÚMA/SC**

CRICIÚMA

2011

DANUZIA CORRÊA MATIOLA

**OFICINA DE TEATRO: NARRATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS A PARTIR
DOS DIÁLOGOS SOBRE “ESPAÇO E LUGAR” DO TEATRO NO PROJETO
AMBIAL – E.E.B. JOÃO FRASSETTO – CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2011

DANUZIA CORRÊA MATIOLA

**OFICINA DE TEATRO: NARRATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS A PARTIR
DOS DIÁLOGOS SOBRE “ESPAÇO E LUGAR” DO TEATRO NO PROJETO
AMBIAL – E.E.B. JOÃO FRASSETTO – CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, novembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação – (UNESC) – Orientador

Prof.^a Aurélia R. de S. Honoratto - Doutoranda em Ciências da Linguagem –
(UNISUL)

Prof.^a Dilcinéia Nazário Fernandes – Especialista em Psicopedagogia Educacional e
Empresarial - (Universidade Cândido Mendes RJ)

Dedico esta pesquisa aqueles que mesmo distante, me apoiaram e incentivaram nos momentos difíceis para que eu não desistisse do meu tão esperado sonho. Pai e Mãe, obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente, aquele que permitiu e abriu portas para que eu ingressasse no meu maior sonho, que me ajudou nos momentos mais inseguros, colocando pessoas maravilhosas em meu caminho que fizeram com que eu não desistisse nas horas mais difíceis, Deus, obrigado por tudo!

Foram quatro anos de altos e baixos. Aqueles que estão comigo nesta caminhada puderam vivenciar isso, porém quero agradecer especialmente minha família, pai, mãe, Diana e Dayara, que mesmo estando longe de mim não me abandonaram, dando todo o apoio que precisei. Acreditaram no meu potencial, e agora estão compartilhando mais um destes momentos que está chegando ao final, mas que ficará marcado. Muito obrigada de coração!

E os amigos! Estes com certeza, não só vivenciaram, mas também compartilharam momentos tristes e alegres, e que com certeza ficarão bem guardados em meu coração. Quero citar em especial minhas amigas que me acompanharam desde o início, Flávia e Cilneida, que pude conhecer melhor e contar nos momentos que precisei da amizade e palavra de conforto. Obrigada por existirem!

Não posso esquecer daqueles que oportunizaram um grande aprendizado durante estes quatro anos. Agradeço as experiências que me fizeram tornar uma pessoa cada vez melhor. Obrigada a todos os professores que fizeram parte deste processo, em especial ao professor Marcelo, que aceitou fazer parte da minha pesquisa, e que pude contar nos momentos que mais precisei da sua ajuda! Muito obrigado!

Agradeço imensamente a todos que fizeram parte deste tão esperado sonho, e que de alguma forma contribuíram para a minha formação, mesmo aqueles que já se foram, e tiveram uma parcela de contribuição, fica aqui os meus sinceros agradecimentos. Obrigada por fazerem parte da minha história!

“No teatro, [...] Nada precisa ser novo, mas tudo precisa ser recriado. Essa é a séria brincadeira do refazer: ao refazermos, lembramos, refletimos e damos a nossa opinião e, assim, exercitamos nossa postura diante da vida.”

Vianna e Strazzacappa (2004, p. 121)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo e objeto de investigação, refletir e investigar que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL (Projeto Ambiental e Alimentar) desenvolvido na Escola de Educação Básica João Frassetto – Criciúma/SC. Este problema se desdobra em alguns questionamentos, que fazem recorte do objeto central. Dentre eles: qual o conceito de espaço e lugar para o teatro na escola? Porque a oficina de teatro faz parte do projeto AMBIAL como atividade permanente em 2011? De que maneira os professores conseguem perceber mudanças de atitudes dos alunos que participam da oficina de teatro em outras atividades do projeto? O que pensam os professores e alunos com relação às aulas de teatro do projeto AMBIAL? Os alunos do Projeto AMBIAL que participam da oficina de teatro conseguem perceber mudanças em suas atitudes expressivas? Para dialogar com os dados coletados em minha pesquisa busco referencial teórico em diversos autores que desenvolveram obras conceituais e contribuem para a sustentação teórica do trabalho. Dentre eles cito COLI (1995), SANTOS (1996), PEIXOTO (1980), PCN (2000), JAPIASSU (2001), CANTON (2009) dentre outros autores. A pesquisa estabelece algumas aproximações entre as linguagens artísticas, como a dança, música, e em especial as artes visuais e o teatro são protagonistas de minha pesquisa. Procuo discorrer e refletir sobre os diferentes conceitos de espaço na contemporaneidade para a partir deles situar o lugar que a oficina de teatro ocupa nos diferentes segmentos do projeto AMBIAL. Por se tratar de uma oficina que tem seu início recente (2011), busco partir da realidade vivenciada pelos alunos e professores que dela fazem parte, dialogando com os conceitos de diferentes teóricos que discutem metodologias e relevâncias do teatro na constituição do sujeito. Como método, a pesquisa insere-se na linha de Educação e Arte, prevista nas diretrizes do curso e apresenta uma abordagem qualitativa por dialogar com os diferentes conceitos, olhares, dizeres e saberes, distanciando-se do quantificar. Classifica-se ainda como uma pesquisa exploratória de natureza aplicada com pesquisa de campo, envolvendo professores e alunos do projeto, tendo como instrumento a entrevista, com devolutiva. Contudo, com os resultados obtidos, ficou claro que a oficina de teatro do projeto AMBIAL, está contribuindo para a formação dos envolvidos, uma vez que a partir das análises evidencia-se as mudanças positivas que ocorreram em suas atitudes expressivas e também por reconhecerem o teatro como fator significativo e importante no ambiente escolar de forma a contribuir para sua formação cultural assim como profissional.

Palavras-chave: Arte. Teatro. Projeto AMBIAL. Educação.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Encontros propostos para professores do projeto AMBIAL.....	55
Tabela 2 – Encontros propostos para alunos da oficina de Teatro	56
Tabela 3 – Encontro proposto para professores e alunos.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AMBIAL - Projeto Ambiental e Alimentar

ACT - Admissão em Caráter temporário

EEB – Escola de Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 DELINEANDO O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO	12
2 ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA: ESTREITANDO DIÁLOGOS	16
2.1 RETOMANDO OS CONCEITOS DE ARTE.....	16
2.2 A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: POSSIBILIDADES	18
2.3 CULTURA E FORMAÇÃO CULTURAL: APROXIMAÇÕES.....	20
2.4 ARTE E LINGUAGENS	22
2.4.1 Artes Visuais.....	26
2.4.2 Dança.....	27
2.4.3 Música	28
3 TEATRO COMO LINGUAGEM: UMA OFICINA E MUITAS POSSIBILIDADES ..	30
3.1 CONCEITUAÇÕES SOBRE TEATRO, “ESPAÇO E LUGAR”	31
3.2 TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO E ARTE	34
3.3 COMO O TEATRO APARECE NA EDUCAÇÃO?	35
3.4 APROXIMAÇÕES ENTRE LINGUAGENS: TEATRO E ARTES VISUAIS	38
3.5 O TEATRO NO PROJETO AMBIAL – EEB JOÃO FRASSETTO O ESPAÇO DA OFICINA DE TEATRO	40
4 NARRATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS: REFLEXÕES E APONTAMENTOS.....	43
4.1 AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES.....	44
4.2 A NARRATIVA DOS ALUNOS DA OFICINA	49
4.3 CONTRAPONTO: NARRATIVAS ENTRELACADAS – APROXIMAÇÕES NO OLHAR DOS PROFESSORES E ALUNOS	53
4.4 (PRO)POSIÇÕES: PROJETO DE EXTENSÃO.....	54
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS.....	60
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	602
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO.....	64
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	65

1 INTRODUÇÃO

Na 6ª Fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, optei por realizar a disciplina de Expressão Teatral, uma das ementas optativas do curso, matriz 03, pois muitos de meus colegas já haviam decidido pela mesma. Até então durante toda minha vida não havia tido boas experiências com teatro, por isso foi um grande desafio optar por esta disciplina no curso.

Ao longo do semestre me surpreendi com o que estava vivenciando e, sobretudo aprendendo. Acabei me apaixonando por conhecer este outro lado do teatro. Descobri que fazer teatro não é somente escrever textos e decorar falas, mas sim, trabalhar em grupo, aceitar as diferenças de ideias, expor as minhas ideias e opiniões, participar dos jogos teatrais, dar vida a voz e gesto, potencializar a expressão dentre tantos outros conceitos. Ao longo deste semestre percebi como o teatro me fez crescer como pessoa, dando-me a oportunidade de acreditar mais em meu potencial e também a conhecer mais e interagir com os meus colegas, penso que isso já era o suficiente para suprir os objetivos da disciplina. No entanto percebi como esta importante linguagem deve estar presente nas escolas como elemento de formação e ampliação estética. Compreendi como suas possibilidades vão além da sua utilização enquanto instrumento/ferramenta de fazeres, permeando códigos, conceitos e conteúdos específicos.

Com o passar dos semestres, no início de 2011, a escola em que trabalho como ACT, me propôs 20 horas semanais para trabalhar no projeto AMBIAL (Projeto Ambiental e Alimentar) como professora de Teatro, em uma oficina permanente. Este projeto é realizado com os alunos no período contraturno, sendo que tem como objetivo possibilitar a transformação da realidade física e social do meio no qual estão inseridos.

No início fiquei um pouco ansiosa, mas aceitei o desafio e há quase um ano, busco colocar em prática o que aprendi no curso dialogando com o contexto e as necessidades da realidade em que a escola está inserida. É a partir daí que nasce meu interesse em investigar diferentes práticas com o teatro, resultando em meu trabalho de conclusão de curso que busca compreender: Que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL desenvolvido na EEB João Frassetto, Criciúma, SC? O problema desdobra-se em questões que fazem recortes do objeto. Discorro com mais

profundidade sobre eles em minha metodologia, situada neste texto.

A partir da análise e investigação do problema de pesquisa, proponho como objetivo refletir e investigar as dimensões que a linguagem teatral ocupa na formação cultural dos alunos e professores envolvidos.

Buscando organizar a estruturação dos conceitos que resultam na elucidação de meu problema, proponho esta pesquisa em cinco momentos. O primeiro é destinado a introdução e apresentação do objeto e método que conduzem a pesquisa.

No segundo capítulo, abordarei alguns conceitos de arte, cultura e educação que são relevantes para o problema da pesquisa uma vez que insiro-me na linha de Educação e Arte. Faço um breve recorte sobre as diferentes linguagens artísticas e suas aproximações com as artes visuais.

O capítulo seguinte é destinado diretamente para as discussões sobre teatro, espaço/lugar, oficina e contextualização do Projeto AMBIAL. Para isso retomo meu problema, e dialogo com importantes autores para fundamentação do objeto investigado. Neste capítulo também abordo o teatro como linguagem em aproximação com as artes visuais, sendo essa minha área de formação. Por fim, trago o teatro como possibilidade de oficina dentro do projeto AMBIAL, abordando um pouco da sua importância, o seu objetivo, a sua trajetória no projeto.

No quarto capítulo, esclareço as análises realizadas com professores e alunos que fazem parte do Projeto AMBIAL. Estas questões são abordadas em três momentos, onde inicialmente discorro sobre a fala dos professores, em seguida dos alunos e por fim, entrelaço informações que dizem respeito aos dois públicos entrevistados. Logo apresento e reflito sobre os resultados alcançados indo ao encontro do problema. Proponho também um projeto de extensão, que contribuirá para a formação de diferentes públicos além do contexto pesquisado no que se refere a práticas de teatro na escola.

Acredito que este trabalho, poderá contribuir para a ampliação de repertório artístico e cultural tanto dos professores e alunos do projeto AMBIAL, como também se constitui em um importante documento que oportuniza acesso aos pesquisadores.

1.1 Delineando o objeto de investigação

A pesquisa possibilita ao pesquisador tentar solucionar algum problema por meio de métodos, para assim chegar a conclusão do que foi pesquisado. Comungando com Zamboni,

Pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área de conhecimento humano, por ser atividade sistemática, requer sempre um método, que implica premeditação, e esta está normalmente ligada ao tipo lógico e racional de pensamento. Pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições muito especiais até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através da pesquisa. (2001, p. 43)

Desta maneira, minha pesquisa segue a linha Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura, que dialoga com as linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação também fazem parte do ementário da linha de pesquisa.

Comungo com uma abordagem qualitativa que segundo Minayo (2000, p. 21) “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Nessa perspectiva esta abordagem “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. (2000, p. 22)

Apresento como problema central da pesquisa: que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL desenvolvido na EEB João Frassetto, Criciúma/SC?

Sendo assim, acredito que existe outras questões que são pertinentes serem levantadas e discutidas durante este processo de pesquisa desdobrando do objeto central: qual o conceito de espaço e lugar para o teatro na escola? Porque a oficina de teatro faz parte do projeto AMBIAL como atividade permanente em 2011? De que maneira os professores conseguem perceber mudanças de atitudes dos alunos que participam da oficina de teatro em outras atividades do projeto? O que pensam os professores e alunos com relação às aulas de teatro do projeto AMBIAL? Os alunos do Projeto AMBIAL que participam da oficina de teatro conseguem perceber mudanças em suas atitudes expressivas?

A presente pesquisa tem como objetivo geral refletir e investigar que espaço ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores

envolvidos no projeto. Para contemplar esse objetivo é necessário refletir sobre alguns específicos como: identificar o conceito de espaço e lugar para o teatro na escola; Verificar se os professores do projeto AMBIAL observam diferenças de atitudes e comportamentos dos alunos, com a vivência na oficina de teatro do projeto, diagnosticar se os alunos que participam do projeto AMBIAL na oficina de teatro percebem mudanças em suas atitudes expressivas e perceber se os professores que fazem parte do projeto AMBIAL, também notam mudanças em suas atitudes expressivas.

A pesquisa envolveu aprofundamento teórico dialogando com os dados observados e coletados na pesquisa de campo, ocorrida entre os meses de setembro e outubro de 2011.

Segundo Neto,

O trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo. (1994, p. 51)

Escolhi como sujeitos¹ desta pesquisa, professores e alunos que fazem parte do projeto AMBIAL (Ambiental Alimentar) desde sua efetivação na escola (há aproximadamente oito anos). Ao total são envolvidos doze narrativas, sendo quatro de professores integrantes de outras oficinas do projeto e oito alunos que participam da oficina de teatro durante o ano de 2011. Esses números correspondem aos aceitos após conversa informal que explicou os objetivos desta pesquisa.

Sou ministrante da oficina de teatro no ano de 2011, porém buscando me isentar do processo de coleta e análise, realizei três visitas a escola, sendo em um primeiro momento para conversar e explicar os motivos da pesquisa e recolher as autorizações. No segundo momento coletei os depoimentos em diferentes horários e após transcrição reunimo-nos em um terceiro momento para a devolutiva das entrevistas e comunicação dos dados coletados. Os dados foram coletados *in loco* na escola de EEB João Frassetto, no Município de Criciúma SC, no Bairro Santa Luzia. Como instrumento de pesquisa opto pelas entrevistas, que segundo Neto:

¹ Segundo Corrêa (2009, p. 15) “[...] pode-se pensar o sujeito como um ser que pensa, age, e que ao passo que constrói também se constrói esteticamente e culturalmente”. Sendo assim, sujeito é um cidadão que faz história, que têm direitos e deveres, e constrói-se na cultura.”

É o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. [...] num primeiro nível esta técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (1994, p. 57)

Sendo assim, com as entrevistas, coletei material necessário por meio das falas de professores e alunos do projeto AMBIAL, que me possibilitou investigar e analisar o problema de pesquisa. A entrevista está pautada em um roteiro inicial (anexo), constituindo-se de seis tópicos.

2 ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA: ESTREITANDO DIÁLOGOS

Início a escrita desse capítulo partindo do pressuposto de que a arte faz parte da nossa vida, não importando a maneira como a vemos. Ela está diariamente em diálogo com o cotidiano escolar dos alunos e dos diferentes sujeitos em diferentes lugares e espaços, por isso requer ser pensada e trabalhada nas escolas enquanto uma importante área do conhecimento responsável pelo desenvolvimento do ser sensível, estético e cognitivo, pois segundo Almeida:

O motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos. (2003, p. 15)

De acordo com a autora é importante pensar o ensino de arte nas escolas a partir de propostas significativas, respeitando a cultura de cada um e oportunizando ao mesmo tempo aos alunos o conhecimento e o entendimento de outras culturas, pois só por meio desta compreensão é que os alunos conseguirão tornar-se sujeitos com olhar de apreciadores quando diante de uma outra realidade cultural.

No entanto é importante fazer uma pausa e retomar as conceituações desse campo tão subjetivo do conhecimento humano que entende-se por arte já que que comungo da ideia que o ensino não está descolado da produção histórica e da crítica de arte.

2.1 Retomando os conceitos de Arte

A arte consegue despertar nas pessoas a emoção, a sensibilidade, a percepção e, além disso, “constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, um outro mundo, [...] Ela nos ensina muito sobre nosso próprio universo”. (COLI, 1995, p. 111).

A partir disso podemos dizer que as linguagens que fazem parte dela, contribuem de alguma forma para que nós nos conheçamos melhor como seres humanos. De acordo com Almeida:

É preciso não privilegiar uma determinada cultura hegemônica, mas criar formas de música, dança, teatro, artes visuais – desde que tenham qualidades estéticas a serem apreciadas -, evitando preconceitos em relação as produções mais populares ou étnicas. (2003, p. 16)

Observamos que participando, conhecendo e interagindo com estas linguagens da arte nós poderemos nos tornar sujeitos melhores e, além disso, procurar “a arte pelo prazer que ela nos causa”. (COLI, 1995, p.112). Dessa forma, utilizaremos a arte ao nosso favor, para que a mesma consiga nos proporcionar momentos de aprendizado, emoção, diversão e sobretudo: conhecimento.

Concordo com Richter (2003, p. 122), quando diz que “arte é uma necessidade primeira do ser humano, e como tal presente desde sempre na humanidade, expressa por uma infinidade de manifestações, mas sempre presente”. Através deste conceito compreende-se que a arte faz parte do nosso cotidiano, porém é preciso saber vê-la. Isto porque nossos olhos se gastam dia-a-dia opacos pelo bombardeio de informações visuais. Fomos habituados a buscar arte em espaços consagrados, como museus, galerias, universidades. Mais quem define o que é ou não é arte? Onde a encontramos? Coli escreve sobre isso:

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. (1995, p.11)

Partindo desta possibilidade de julgar o que é arte ou não, percebemos que a nossa cultura está inteiramente ligada a tomada de decisões do que pode ser considerado arte para algumas pessoas. “Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, [...] Num museu, numa galeria, [...] num cinema "de arte", [...] numa sala de concerto”. (COLI, 1995, p. 11). Dessa forma, para apreciarmos, estudarmos e conhecermos arte, podemos estar nos dirigindo a estes ambientes que de certa maneira contribuirão para a nossa ampliação de repertório e aguçarão cada vez mais o nosso olhar com relação a percepção.

Indo ao encontro das proposições do mesmo autor podemos propor alguns questionamentos: mas então, o que é a, arte? De acordo com o autor talvez seria mais apropriado, substituir essa indagação por “como nos aproximarmos dela?” (1995, p. 126).

Neste sentido, segundo o autor é fundamental estarmos próximos dos meios que produzem e comunicam arte em nossa sociedade. Torná-la acessível as diferentes esferas da sociedade no intuito de democratizar os bens produzidos histórica e artisticamente é primordial para essa acessibilidade. Esse pensamento também se faz fundamental na escola, quando partimos do pressuposto que o ensino de arte deve contemplar as diferentes linguagens e meios expressivos. Saídas a campo, visitas a exposições, teatros, espetáculos de música e dança, ainda que em caráter regional e informal.

Comungo com Coli quando:

Num sistema de ensino voltado para a formação a mais pragmática e tecnológica, sob o desinteresse e a incompetência dos "responsáveis", e bombardeado por emissoras de rádio e tv regidas pelo princípio absoluto do lucro, você se encontra numa situação de grande miséria cultural. (1995, p. 127)

Conforme a citação do autor, compreendo que fizemos parte de uma cultura social que não nos estimula muito a adquirirmos o gosto pela arte, por isso é que julgo importante o desenvolvimento de projetos que potencializem e evidenciem as diversas linguagens da arte, em específico nas escolas articulando também a divulgação e a imersão dos acontecimentos culturais que ocorrem no contexto em que o aluno está inserido, pois só assim estes sujeitos conseguirão fazer relações do papel das artes em suas vidas. Partindo desta concepção é que proponho um diálogo sobre o ensino da arte na educação e o seu papel na formação cultural dos sujeitos.

2.2 A arte na educação escolar: possibilidades

Partindo dos conceitos de arte, entendo que a mesma não pode estar desvinculada da escola, ou seja, o que o sistema produz e discute sobre arte na atualidade, assim como o que já se produziu, deve ser eixo norteador para as práticas pedagógicas dos professores de arte em sala de aula. Para amparar esta fala remeto-me ao PCN de Arte quando ressalta:

O ser humano que não conhece arte têm uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações

musicais, das cores e das formas, dos gestos e das luzes que buscam o sentido da vida. (BRASIL, 2000, p.21)

Dessa maneira, é que reforço, o quanto se faz necessário para o aprendizado do aluno o ensino da arte, pois a mesma consegue-lhes proporcionar muitas experiências que favorecem o processo de formação cultural e estética dos sujeitos (alunos, professores e sociedade em geral).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para arte:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p.19)

Dependendo da maneira que a arte for trabalhada nas escolas, o professor conseguirá por meio das linguagens artísticas despertar no aluno uma nova possibilidade de olhar a arte, um olhar que permita este aluno se tornar um ser crítico, observador, autêntico, criativo. Pois seguindo a perspectiva de Richter (2003, p.122):

Podemos pensar no ensino da arte na escola, buscando a compreensão de que a arte, como comportamento e como área do conhecimento, inclui e engloba todas as manifestações artísticas dos seres humanos, nas suas mais variadas formas, nas suas mais diversas manifestações culturais.

A arte engloba um vasto campo de conhecimento, com códigos e linguagens específicas. Cada um destes poderá ser estudada e trabalhada nas escolas de diversas formas, desta maneira o professor mediador² não deverá limitar-se em somente uma das linguagens da arte. Recorro a Almeida que relata:

O objetivo é socializar os bens culturais, familiarizar os alunos com a produção artística à qual não tem acesso pela mídia. O que não é tão simples – pois o seu poder é grande e as produções por ela veiculadas seduzem os alunos ao extremo -, mas também não é impossível. [...] a escola pode ampliar o repertório dos alunos com base nas experiências que eles já tem ao chegar na escola. (2004, p. 17)

² De acordo com Martins (2005, p.52) “para ser mediador é preciso cultivar uma postura reflexiva e provocadora, capaz de planejar jogos estéticos, ativar descobertas e despertar o interesse de olhar ais além. Um olhar pesquisador sobre si, o outro, sua prática e seu contexto cultural”

Partindo desta concepção, o professor deve partir de um diagnóstico a partir do contexto cultural que a escola está inserida, para que assim, possa elaborar um planejamento que proporcione uma aula mais interativa, significativa na perspectiva da construção do conhecimento sensível.

2.3 Cultura e formação cultural: aproximações

Compreendo que cultura e arte são indissociáveis e devem estar presentes de forma efetiva na formação dos sujeitos. Desta forma, os alunos, precisam conhecê-la e estudá-la para que dessa maneira compreendam a sua importância e a reconheçam enquanto cidadãos de direito, enquanto produtores e consumidores culturais, uma vez que “a educação se torna mais reflexiva à medida que os alunos se tornam conscientes de seu papel como intérpretes culturais”. (RICHTER, 2003, p.11).

O professor pode abordar nas aulas de arte, por meio das linguagens artísticas esta miscigenação de culturas, pois segundo Santos “a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação”. (1996, p.9). Penso que o aluno quando experiencia ou aprende sobre outras culturas além da sua, ele amplia o seu repertório cultural e ainda interage com os colegas o que aprendeu de novo e vice-versa.

A partir dessa perspectiva compreendemos o quanto é importante dialogar e mostrar aos alunos as diferentes culturas, como os costumes, tradições, religiões de outros povos, outros lugares. Partindo desta importância de se trabalhar as diferentes culturas na sala de aula, Santos ressalta que “cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes”. (1996, p. 12)

Sendo assim, o professor, ao trabalhar e considerar a diversidade cultural na sala de aula, deve primeiramente partir da realidade daquela turma, escola, sociedade, e aos poucos ir tomando proporções maiores.

O autor pontua:

Por cultura se entende muita coisa, [...] Cultura está muito associada a estudo, a educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente as manifestações artísticas, como o teatro, a música, a

pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como a rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. (1996, p. 22)

A partir desta fala de Santos (1996) reafirma as relações da cultura com a arte e propõe caminhos apontando elementos presentes nas diferentes culturas, fato que se faz presente nas escolas uma vez que nos relacionamos com os diferentes saberes, lugares, memórias, presentes nos valores culturais de nossos alunos. Complemento este pensamento com os estudos de Laraia:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões, de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (2006, p. 59)

Nós seres humanos fizemos parte deste sistema que está em constante transformação, e que dentro dele estão inclusas diferentes culturas, ao qual devemos compreender desvencilhando-se de preconceitos.

Também é importante ressaltar que:

Os(as) educadores(as) devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus(as) alunos(as) em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas, e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. (RICHTER, 2003, p. 28)

Dialogando com a fala de Richter, percebemos o quanto se faz necessário um espaço no ambiente escolar que oportunize o aprendizado do aluno, o conhecimento, a troca de experiências, e o contato com os diferentes elementos da cultura. O professor quando oportuniza estes momentos aos alunos também estará ampliando seu repertório cultural, pois poderá diagnosticar neste processo de alfabetização cultural, momentos inéditos daquele contexto dos sujeitos alunos.

No espaço escolar, o professor mediador ao desenvolver trabalhos por meio das diversas linguagens da arte, além de oportunizar novas experiências com os alunos, também poderá estar abordando momentos de apreciação e ações com relação ao universo cultural dos alunos, pois:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral, e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2006, p. 68)

Cada ser humano faz parte de diferentes culturas, que se localizam temporalmente em algum lugar. Essas culturas possuem características uma diferente das outras “como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar as diferentes linguísticas”. (LARAIA, 2006, p. 68).

E ainda: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que antecederam.” (LARAIA, 2006, p. 45)

Nós seres humanos, produtores de cultura, com o passar dos tempos vamos adquirindo a nossa maneira de ser, de agir e de pensar, mas mesmo assim carregamos conosco alguns traços que representam a cultura de nossos antepassados. Sabemos que a mesma está em constante transformação e que junto dela estamos nós, cada vez mais querendo aprimorá-la por meio da forma que a vivemos e que fizemos parte. O importante é termos consciência e respeito à cultura de cada um, e sem preconceitos, e partir disso tanto o aluno quanto o professor aperfeiçoarão o seu olhar estético com relação as diferentes culturas e aprenderão a não mais julgá-la e assim dará o seu merecido valor percebendo que estamos em um momento de multiculturalismo³ em que os territórios não definem mais as identidades. Uma produção mais globalizada envolvendo tempos, interesses e mecanismos diversos. Tanto em bens tecnológicos, na ciência quanto na produção em arte.

2.4 Arte e linguagens

³ Esse termo tem sido utilizado como sinônimo de “pluralidade ou diversidade cultural”, indicando as múltiplas culturas hoje presentes nas sociedades mais complexas. No entanto, é a denominação de “multicultural que se encontra consagrada na literatura, tanto na área da educação quanto da arte-educação, pois é dessa forma que a questão da diversidade vem sendo estudada e discutida há muito tempo. Atualmente, vem sendo utilizado o termo “interculturalidade”, que implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas (Galino e Escribano 1990; Elosua et al. 1994; Barbosa 1997, 1998, *apud* RICHTER, 2003, p. 19)

Parafraseando a autora Ramalho, em seu texto, *Relações entre “Linguagens”*, inicio esta discussão conceituando o que entende-se nessa pesquisa como linguagem. Para isso destaco o pensamento abaixo:

Linguagens é um conjunto (sistema) de signos, organizado mediante regras, visando a comunicar significados. Verifica-se seu uso como termo emprestado da linguagem verbal (ou das línguas naturais) por outros sistemas como, por exemplo, o das imagens visuais. (OLIVEIRA, 2008, p. 77)

É possível compreender que o conceito de linguagens com a qual a autora se refere em seu texto, visa esclarecer o seu significado por meio de um sistema no qual podemos inserir as diversas linguagens da arte. Entende-se que como as “linguagens” são consideradas um sistema de signos, podemos perceber que as linguagens da arte de alguma forma, servem para esclarecer cada uma delas de maneira separada em seus desdobramentos.

A autora também aborda em seu texto a diferença entre a linguagem verbal e a artística que segundo ela, “nas linguagens propriamente ditas, como na linguagem verbal, existe uma gramática, um conjunto de regras específicas”. (OLIVEIRA, 2008, p. 78). Comungando com a autora percebo que na linguagem verbal é mais fácil compreender a mensagem que o outro está realmente querendo transmitir, as coisas acontecem de forma mais objetiva, aproximando-se com o que se deseja revelar, em uma apropriação de códigos mais universalizados. Já nas linguagens artísticas, “pressupõem originalidade, ou seja, imagens, objetos, enfim, textos que consistam em proposições diferentes das já conhecidas, nas artes visuais, na música ou no teatro”. (OLIVEIRA, 2008, p. 78). Nesta perspectiva, entendo que as linguagens artísticas são compreendidas de forma mais subjetiva, uma vez que as pessoas que a utilizam como meio de expressão nem sempre conseguem demonstrar por meio delas o que realmente gostariam, ou as vezes, se utilizam dessas linguagens para causar provocação no espectador de forma que ele mesmo tire conclusões do que observou sem ter preocupação com o processo didático nela inserido.

As linguagens artísticas, segundo Oliveira (2008), as vezes vão contrariar regras. Se fossemos levar em consideração a linguagem verbal, que se utiliza de regras para sua utilização, as linguagens artísticas ao contrário, ultrapassariam, essas regras oportunizando um novo olhar estético diante das linguagens da arte.

Partindo do pressuposto que a arte contempla múltiplas linguagens remeto-me aos Parâmetros Curriculares Nacionais quando relaciona o aluno e os contatos com a arte:

O aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de arte, [...] tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (BRASIL, 2000, p. 53)

Dessa forma, o aluno quando em contato com as múltiplas linguagens da arte, aguçará e estimulará a sua percepção diante da sua realidade, e assim poderá ampliar o seu olhar estético por meio do contato que terá com as linguagens artísticas, possibilitando uma maior compreensão do mundo e da sua cultura que o cerca.

De acordo com Garcia (2000, p.12):

Não deveríamos estar deixando fluir a “imaginação” de nossos alunos e alunas, e sua “intuição” e sua “sensibilidade”, e ao pretender educar, educar (o que não significa domesticar) o olho, o ouvido, o tato, o olfato, e a gustação, formas de conhecimento do mundo e de si mesmo, pois só assim lhes será oferecida a possibilidade de diversidade de pensamento, de diversidade de linguagens?

A partir desta citação, é possível refletirmos um pouco sobre a realidade do ensino de arte nas escolas. A autora se refere a necessidade de aguçar a imaginação, a experiência estética, as conexões com a arte e seus processos de hibridizações⁴. É necessário propiciar um ensino de arte cada vez mais preocupado com as tendências que a arte tem dialogado. Considerar o contexto onde se inserem os alunos e principalmente, motivar a ampliação de repertório a partir do acesso às diferentes linguagens na escola e também fora dela.

Por meios das diferentes linguagens artísticas, tanto alunos quanto professores, e porque não dizer o próprio contexto em que a escola está inserida obterão um contato ampliado com a arte. Neste sentido comungo de um ensino que

⁴ “O termo hibridação representa melhor a pluralidade de aspectos culturais do que os termos “mestiçagem”, que se refere às misturas raciais, ou ‘sincretismo’, mais relacionado com as fusões religiosas. O termo é traduzido por Candau (1995, p. 298) como *hibridização*. Para compreender o processo de hibridização, Canclini aponta a necessidade de uma visão mais abrangente, onde não exista oposição entre o tradicional e ao moderno, entre o culto, o popular e o massivo.” (RICHTER, 2003, p. 18 e 19)

favoreça a educação estética, humanizando os sujeitos para as questões sensíveis tão presentes nas diferentes formas de comunicação da arte. Pois, “musicalizar a vida, poetizar a vida, sentir o cheiro da vida, saborear a vida, cantar e dançar a vida, ver a beleza da vida, tornar a vida bela”. (GARCIA, 2000, p. 12).

Para que essa formação aconteça é necessário que o professor se comprometa com a escolha dos conteúdos e abordagens da arte nas diferentes linguagens ao propor seu planejamento. Segundo o PCN de arte:

A seleção e a ordenação de conteúdos gerais de Arte têm como pressupostos a clarificação de alguns critérios, que também encaminham a elaboração dos conteúdos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança e, no conjunto, procuram promover a formação artística e estética do aprendiz e a sua participação na sociedade. (BRASIL, 2000, p. 55)

O aluno e o professor quando compreendem e estudam as linguagens artísticas sugeridas pelos diferentes documentos que norteiam o ensino da arte, contribuem para a formação e (re)significação do olhar estético e perceptivo, já que é necessário:

que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada. (Idem, 2000, p. 55)

O professor mediador quando proporciona as múltiplas linguagens artísticas na disciplina de arte, de alguma forma auxilia no processo de criação e reflexão não somente na disciplina de arte, mas também em outras áreas do conhecimento. Dessa forma com o passar dos anos os alunos irão adquirir um repertório amplo, relacionando o olhar artístico e estético, contribuindo para a sua formação enquanto sujeito.

Contudo, “é preciso variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro”. (BRASIL, 2000, p. 57). Neste sentido como minha pesquisa parte da análise de uma das linguagens em específico, oficina de teatro, integrada no currículo do Projeto AMBIAL⁵ da E.E.B. João Frassetto – Criciúma/SC, que considero fundamental dialogar ainda de forma ampla sobre as diferentes linguagens da arte no sentido de

⁵ No capítulo 3 desta pesquisa, irei aprofundar mais os conhecimentos sobre o Projeto AMBIAL na EEB João Frassetto.

compreender com mais profundidade as semelhanças e diferenças que existem entre elas.

2.4.1 Artes Visuais

A princípio podemos pensar as artes visuais relacionando-a a tudo que envolva o visual, que dialoga com a visão,

Cada uma dessas visualidades é utilizada de modo particular e em várias possibilidades de combinações entre imagens, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes maneiras. (BRASIL, 2000, p. 61).

Através deste contato visual o aluno poderá perceber com mais dinamismo o meio em que vive, e também olhará este ambiente de outra forma, pois aguçará o seu olhar estético e crítico a ponto de conseguir fazer observações e potencializar sua capacidade de criação.

Apesar de algumas pessoas ainda pensarem que artes visuais esteja somente ligada ao desenho ou a pintura, Yolanda (2000, p. 77), destaca em seus estudos que, o “desenho, pintura, construção, recorte, colagem e impressão são atividades de artes visuais que, às vezes, estão presentes no mesmo trabalho”. A partir desta citação podemos relacionar esta linguagem com o nosso cotidiano, pois nos relacionamos com ela em diversos momentos de nossa vida. Não encontramos artes visuais somente nas obras de artistas consagrados, ou dentro de algum museu mas também em nosso cotidiano a partir de diferentes imagens, composições e apelos visuais. É necessário experiênciá-la e vivenciá-la por meio de atividades que o aluno também tenha o contato com essa rede de códigos na perspectiva de alfabetização visual, ou seja, na capacidade de ler e compreender o mundo em que vivem. Segundo Yolanda, “o trabalho das artes visuais está presente como uma necessidade natural de expressão, resultado sempre de uma percepção do ambiente”. (2000, p. 89). Percebemos que o mundo em que estamos inseridos proporciona muitas formas de estarmos em contato com as artes visuais, basta estarmos com o olhar atento a estas questões.

2.4.2 Dança

A dança tratada como uma linguagem das artes nas escolas deve ser explanada aos alunos, de forma mais contextualizada para que não seja interpretada somente como algo que só serve para as datas festivas da escola. Sabemos que a dança também é uma linguagem e deve ser inserida nas escolas de forma que os estudantes a compreendam como arte e assim possam reconhecê-la, experimentá-la tornando-se apreciadores estéticos. “Um dos objetivos educacionais da dança é a compreensão da estrutura e do funcionamento corporal e a investigação do movimento humano” (BRASIL, 2000, p. 68). Através disso é possível trabalhar esta linguagem de maneira que desenvolva no aluno habilidades e conhecimentos importantes na área da dança para a sua formação enquanto sujeito. Dialogando com o PCN:

Esses conhecimentos devem ser articulados com a percepção do espaço, peso e tempo. A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade.[...] Como atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. (BRASIL, 2000, p. 68).

Fica claro perceber que a dança também é responsável pelo processo de formação do ser humano. A dança como uma linguagem da arte, deve ser reconhecida nas escolas de forma que seja (re)significada, pois dessa forma ocupará um papel importante na vida dos alunos, já que possibilita a integração e a expressão dos mesmos neste ambiente, bem como o faz reconhecerem-se corporalmente entendendo o movimento enquanto comunicação facilitando o diálogo e o desenvolver das aulas tanto para o aluno como para o educador.

Ainda hoje percebemos nas escolas, que a dança muitas vezes é trabalhada nas escolas dentro da disciplina de Educação Física. Ferreira fala sobre a relação entre dança e as disciplinas curriculares:

Embora a nova LDB, Lei 9.394/96, indique que o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos por intermédio das várias linguagens – artes visuais, música, dança e teatro -, raramente a dança, a expressão corporal, a mímica, e o teatro são abordados, seja pela tradição da utilização das artes plásticas nesse contexto, seja pela falta de especialistas da área nas escolas, seja pelo despreparo do professor. (2004, p. 44)

A partir desse pensamento fica evidente a relevância de pensarmos ações que envolvam o contato da dança enquanto linguagem dentro das aulas de arte. Um vez que segundo Ferreira “a dança na escola deve despertar o aluno para a sensibilidade artística que pode se realizar no apreciar”. (2006, p. 65). Dessa maneira, deveríamos explorá-la nas aulas de arte de forma a não formar especialistas na área da dança, mas pelo menos propiciá-los a experiência e o contato com esta linguagem da arte dialogando com a ampliação do repertório e os processos de fruição.

2.4.3 Música

Outra linguagem da arte que se faz importante na formação humana é a música. Segundo a LDB⁶, a partir da Lei “11.769 de 2008, [...] § 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular”. Sendo assim compreende-se que esta linguagem tornou-se obrigatória dentro da disciplina de arte, mas que não é necessário um professor específico desta área para atuar, qualquer professor de arte deve estar apto para propor propostas fomentando as diversas linguagens artísticas. Vivemos em um momento de grande hibridização de vertentes artísticas e isso faz com que necessitemos de um olhar que reconheça os diferentes signos, linguagens em uma única produção. O professor precisará estar atento as diferentes manifestações e linguagens da arte e buscar uma formação constante.

Atualmente nos deparamos com alguns problemas ao pensarmos música na educação. Há quem diga e defenda que somente músicos podem trabalhar com essa linguagem. Neste aspecto Assano (2000, p.20) comenta: “ao pensarem que só pode trabalhar com a linguagem musical quem *sabe* música, deixam de experimentar e criar sons”. Esta é uma das razões para os professores de arte que trabalham com as diversas linguagens, ampliar seu repertório, atualizando-se, buscando formações continuadas, pois só assim descobrirão maneiras de trabalhar que contribuam para o aprendizado do aluno. Sendo que:

⁶ BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 de setembro de 2011 às 21h15

Para que a aprendizagem possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, interpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história. (BRASIL, 2000, p. 77).

Dialogando com o PCN de artes, percebemos a infinidade de oportunidades e caminhos que o professor juntamente com a escola poderá abranger com alunos que recebem o ensino da música como linguagem da arte. Se trabalharmos as especificidades da música, estaremos contribuindo mais uma vez para a formação estética e o conhecimento do aluno, pois esta linguagem como as outras tem o poder de mexer com o sensível do sujeito possibilitando desta forma o seu maior envolvimento com os meios artísticos.

Devemos sempre trabalhar música na escola, de forma que instigue a criação, o aguçar dos ouvidos para melhor perceberem os sons que fazem parte do cotidiano. Os alunos deverão reaprender a escutar, e não mais só ouvir deixando os sons, os ruídos, passarem despercebidos. Os alunos juntamente com o professor deveriam juntos, adotar formas de compreender a música para que agucem sua imaginação, pois assim tomarão gosto por esta linguagem musical.

Comungando com Assano,

Ao compreendermos a música, poderíamos também compreender que sabemos algo sobre ela, pois ela é parte de nosso cotidiano. Ao compreendermos, aguçaríamos a nossa sensibilidade, e ao aguçá-la, melhorariamos a “paisagem sonora mundial” porque não suportaríamos tantos e tão intensos ruídos. Schafer (1991, p. 69) enfatiza que é necessário e urgente “aprender a escutar”. (2000, p. 22 e 23)

Ao propormos a aproximação da linguagem musical no espaço escolar, estaremos estimulando o aluno a educar sua audição e assim passarão a tornar os sons mais comuns do dia em melodias para os seus ouvidos. Esta linguagem também aguçará a imaginação para que aprendam a utilizar-se do improvisado para criarem seus próprios instrumentos e dar sentido a sua música.

3 TEATRO COMO LINGUAGEM: UMA OFICINA E MUITAS POSSIBILIDADES

O teatro na escola nem sempre é visto como uma linguagem da arte. Muitos educadores que não são professores de arte, mas de História, Língua Portuguesa entre outros, utilizam este meio como um instrumento e/ou ferramenta para o desenvolvimento dos conteúdos específicos da sua disciplina. Esta apropriação muitas vezes pode trazer benefícios e/ou malefícios para a aproximação e apropriação da linguagem.

É importante que ao propor teatro em diferentes espaços na escola:

Em primeiro lugar, conhecer muito bem esse ofício, reconhecê-lo como arte, saber quais os instrumentos e recursos de trabalho, conhecer sua história e seu desenvolvimento. O professor precisa estar atualizado sobre o que está acontecendo sobre o teatro no Brasil e no mundo, entre outras coisas. Assim poderá ter parâmetros de referência para o ensino dessa linguagem. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 123)

O professor de arte ou de outras disciplinas precisa estar ciente da forma que irá propor o teatro como linguagem em suas aulas uma vez que “na escola, o teatro não tem por objetivo profissionalizar ator, mas proporcionar ao aluno a vivência dessa linguagem artística.” (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 127).

Compreendendo as funções do teatro no espaço curricular das disciplinas busco dialogar com os principais objetivos do teatro enquanto oficina de criação. Essa pesquisa se propõe analisar os diferentes espaços ocupados pela linguagem teatral na oficina permanente do projeto AMBIAL. Trata-se de uma proposta extraclasse onde alunos que se identificam com a linguagem semanalmente encontram-se em horários contratuais para desenvolver experimentações que potencializem o fazer e o saber teatral.

Neste sentido, a função do profissional que atua com esta oficina é deixar que o aluno experencie esta linguagem, conheça ela profundamente, apropriando-se dos jogos teatrais, dinâmicas em grupo, laboratórios de gesto e sentido, reflexões sobre o fazer, produções escritas a partir do visto/experenciado/observado, apreciação e autoria em espetáculos, dentre outros. A partir dessas possibilidades, o aluno tomará gosto por esta linguagem, que proporcionará momentos de autoconhecimento, comunicação, interação, expressão.

A escola deveria acolher e estimular a prática efetiva dos alunos em

oficinas de teatro, pois segundo o PCN de Arte, “o teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. A sua ação é a ordenação desses conteúdos individuais e grupais”. (BRASIL, 2000, p. 83). Nessa perspectiva, o aluno que participa de oficinas de teatro se tornará um ser humano com um repertório mais amplo. Compreenderá sua relação com mundo e suas formas de representação. Também é importante ressaltar que a participação efetiva do aluno em oficinas de teatro o ajudará no seu processo de formação, uma vez que a oficina de teatro de alguma forma assumirá o compromisso de humanizar o sujeito para que o mesmo dialogue e compreenda a sociedade em que está inserido.

3.1 Conceituações sobre teatro, “espaço e lugar”⁷

Antes de pensarmos o teatro enquanto espetáculo, ou como atividade curricular de uma disciplina, é preciso compreender seus reais objetivos dialogando com as necessidades do espaço, lugar e sujeitos envolvidos nesse processo.

Trago a discussão sobre espaço e lugar no sentido de uma leitura além da cartografia física e do próprio significado dos termos, buscando remeter a própria intenção/objetivo de se propor uma oficina de teatro assim como compreender que espaço essa atividade ocupa na vida de cada integrante.

Nessa perspectiva, primeiramente dialogo com Peixoto quando em seu livro levanta alguns questionamentos sobre a definição do termo teatro, e concordo com ele quando diz que: “seu significado, [...] existe enquanto *processo*, em permanente transformação, obedecendo a sempre novas exigências e necessidades do homem.” (1980, p. 14). Sendo assim, percebendo o teatro como uma linguagem artística, também deverá ser pensado e trabalhado como algo que está em constante desenvolvimento. As pessoas que fazem teatro devem explorar ao máximo as suas percepções, pois assim poderão compreender o que realmente esta linguagem consegue despertar no ser humano, a ponto de causar impacto na vida das pessoas por meio das representações. Segundo Peixoto, “o palco, ou seja, qual for o espaço de representação, estabelece, em nível de razão e emoção, uma reflexão e um diálogo vivo e revelador com a plateia, ou seja, qual for o espaço dos

⁷ Destaco estes termos uma vez que proponho uma discussão para além da palavra, indo ao encontro de um vocabulário contemporâneo utilizado na esfera artística e que procuro aprofundar neste texto.

espectadores.” (1980, p. 12 e 13).

No entanto, pensando dessa forma, o teatro mesmo que em constante transformação desde as antigas civilizações, estimula no ser humano sensações e prazeres que permitem com que os sujeitos modifiquem e aperfeiçoem seus comportamentos, ampliando assim também a sua forma de pensar, a sua maneira de agir diante da sociedade e por fim contribui para a transformação da vida das pessoas.

Para isso dialogo com Vianna e Strazzacappa que esclarecem “sendo o teatro uma arte do espetáculo vivo, em que o que vemos em cena nos é transmitido pelo corpo do ator.” (2004, p. 119), ressaltando o quanto a arte teatral deve ser explorada na escola, de forma que o aluno sintam-se a vontade e convidado a potencializar sua expressão enquanto uma linguagem que lida diretamente com o corpo, o gesto e a dramatização. Falo aqui especificamente do teatro na escola, não diluído no corpo da disciplina de arte, mas como oficina, extraclasse, como uma atividade que tem como objetivo agregar ao aluno possibilidades de ampliação de repertório nas diferentes linguagens. É importante ressaltar que na escola o teatro “necessita de um espaço adequado para sua realização.” (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 119). Qual seria este espaço adequado? Será que somente espaços físicos com palco e iluminação específica podem receber oficinas permanentes ou propostas de ensino que contemplem a linguagem teatral? Estas e outras questões me vêm a mente quando reflito sobre o teatro no ambiente escolar.

Afinal, o que permanece nos vários teatros de hoje?[...] Algumas tendências do teatro contemporâneo excluem a necessidade de um espaço próprio e definido para a realização da manifestação teatral. Mas no sentido mais amplo da palavra, este espaço poderá ser qualquer espaço: uma esquina, uma loja, um restaurante, um trem, etc. (PEIXOTO, 1980, p. 18 e 20)

Diante disso vale ressaltar que é possível desenvolver propostas em qualquer espaço, porém, pensar uma infraestrutura que favoreça as diferentes necessidades dessa linguagem deve ser considerada.

Pensando sobre espaço e lugar, remeto-me a Canton, (2009, p. 15), que traça possibilidades conceituais de pensarmos sobre estes termos:

A palavra “espaço” é utilizada genericamente, enquanto “lugar” se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo.

Através deste pensamento compreende-se que a escola possui este lugar no qual a autora aborda. É neste lugar que o aluno está inserido desde a sua infância, e onde fará parte deste processo de desenvolvimento até sua adolescência. Nesta perspectiva, a escola acaba contribuindo com este processo de formação do aluno ajudando na busca de sua identidade nas diferentes atividades propiciadas por ela.

Falando de escola, é necessário que a mesma reconheça que para o desenrolar das atividades teatrais o professor precisa de um local adequado, pois “o teatro é um aprendizado prático, que será experimentado pelo aluno até que ele desenvolva suas capacidades de realização da linguagem artística.” (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 119).

As autoras pontuam ainda que “o teatro é a arte do presente. Arte do espetáculo vivo. Não se reproduz teatro visto ontem, nem hoje, nem amanhã. [...] é uma comunicação direta de um homem diante de outro homem.” (2004, p. 120).

Enquanto oficina é necessário realizar propostas que almejem o fazer seguido do refletir. Pensa-se oficina como uma reunião de saberes que culminam na troca, na experimentação, na criação. Neste sentido, “nada precisa ser novo, mas tudo precisa ser recriado.” (2004, p. 121). O contato com os jogos, a transformação do lugar que recebe a oficina fará com que os alunos se envolvam de forma íntegra partindo do pressuposto que “essa é a séria brincadeira do refazer: ao refazermos, lembramos, refletimos e damos nossa opinião e, assim, exercitamos nossa postura diante da vida.” (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 121).

O teatro enquanto oficina oportuniza que os alunos possam representar situações cotidianas e revelem ali seus medos, anseios, realidades, sonhos. O espaço do teatro nesse sentido torna-se amplo, significativo uma vez que:

[...] seria bastante proveitoso criar recursos e meios para que o aluno, por meio do teatro, encontrasse um espaço de expressão de si mesmo e de sua cultura. Isso pode ser realizado com base em uma orientação que valorize o trabalho em equipe: todos se colocam uns diante dos outros com a responsabilidade de construir uma história. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p. 132)

Esse encontro com as diferentes expressões marca um espaço do teatro na escola e inscreve suas contribuições como uma arte “em movimento”.

Nessa perspectiva, o teatro na escola permite ao educando estimular sua

imaginação a ponto de eles mesmos experienciarem esta linguagem, e a partir da mesma criarem meios que oportunizem o conhecimento mesclado às outras linguagens artísticas. Sendo assim, tornarão significativo o aprendizado na oficina de teatro e, além disso, reconhecerão que a mesma ocupa um espaço necessário e importante para a formação dos sujeitos.

3.2 Teatro como possibilidade de educação e arte

Embora minha pesquisa não dialogue diretamente com o teatro enquanto linguagem dentro das aulas de arte, mas sim como oficina integrante de um projeto permanente em uma escola da rede estadual de ensino, parto do pressuposto que é uma possibilidade de educação em espaço não-formal, uma vez que a entendo como, “um todo, e não a meramente escolar, compreendendo todos os espaços de cultura (como o cinema, por exemplo): como espaço de educação” (Silva, 2009, p. 20)

Desta forma sempre que pensamos o ensino da arte na escola ou fora dela falamos de um conhecimento predominantemente sensível, estético que dialoga com a poética do mundo. A acessibilidade de diferentes linguagens da arte em diferentes espaços contribui para a alfabetização estética dos sujeitos e conseqüentemente para um mundo mais humano e passível de compreensão. Neste aspecto ao discutir sobre o papel de uma oficina de teatro no ambiente escolar, concordo com o pensamento de Vianna e Strazzacappa (2004, p.121):

Ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos “outros” que nos rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo.

Diante disso é importante ressaltar que a prática teatral em propostas que não o envolvem enquanto disciplina curricular, porém ocorrem no espaço escolar, devem potencializar experimentações ligadas a improvisação, jogos teatrais, laboratórios de gesto, movimento e sentido, criação de figurinos, maquiagem, cenários, sonoplastia, iluminação. Nesse aspecto concordo com Japiassu (2001, p.26):

A finalidade do *jogo teatral* na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica.

Os alunos precisam ser convidados a experiência sem a escolarização da linguagem, ou seja, em moldes fechados de sistemas avaliativos. Esses encontros com a arte favorecem a imaginação, potencializam a criação e são formas de construir educação em espaços não formais de aprendizagem, ainda que nos muros da escola, já que “Teatro é Educação, [...] que exercita, primordialmente, a imaginação, tanto em atores e diretores quanto nos espectadores, em todos que lançam seus esforços para a realização do fazer teatral.” (FERREIRA, 2006, p. 15)

O desenvolvimento de oficinas de teatro na escola deve ser integrado a metodologias que estimulem à criação, a percepção, a imaginação, tanto dos envolvidos no processo de representação, como dos espectadores apreciadores do trabalho desenvolvido.

3.3 Como o teatro aparece na Educação?

Pensando no espaço e no lugar que o teatro ocupa nos processos educativos é importante discutir e retomar, ainda que de modo breve, a trajetória e o espaço do teatro dentro do currículo escolar. Nesse sentido reporto-me a Japiassu:

A educação brasileira incorporou *obrigatoriamente* o ensino do teatro com a entrada em vigor da lei 5.692 de 1971 [...] *Educação artística* foi, então a nomenclatura instituída para designar a matéria que abordava de forma integrada as linguagens cênica (teatro e dança), plástica e musical. (2001, p. 62, 63)

Com a obrigatoriedade das linguagens artísticas no currículo escolar, os professores de arte começaram a ser mais reconhecidos pela sua formação e isso trouxe profundas transformações para o ensino de arte no Brasil.

Segundo Japiassu (2001, p. 64),

Os primeiros cursos universitários preparatórios do professor de educação artística só foram implantados três anos após a publicação da 5.692/71 e tinham o objetivo de formar um professor polivalente, “fluyente” em distintas linguagens estéticas (plástica, cênica e musical).

Com a falta de profissionais habilitados tivemos repercussões não tão

positivas no ensino de arte no Brasil, e isso possibilitou com que profissionais formados em outras disciplinas completassem sua carga horária com a disciplina de arte, fatos com reflexo até na atualidade.

O autor pontua ainda um importante fato que ocorre no final da década de 1970, quando:

A deflagração do processo de abertura política do regime autoritário [...] contribuiu para que os responsáveis pelo ensino das artes se organizassem para repensar as relações entre artes e educação em novos termos, defendendo a especificidade das linguagens artísticas e a criação de licenciaturas plenas em artes plásticas, desenho, música, teatro e dança. (2001, p. 64)

Graças a esta mobilização, o ensino de arte passou a ser mais valorizado, possibilitando um ensino que contribuiu de maneira efetiva para o aprendizado do aluno, pois com um professor licenciado em artes, para dar aula de arte, desenvolveria com mais competência as outras linguagens artísticas. Porém nesse momento houve também o processo de polivalência, ou seja, o professor habilitado em uma linguagem com necessidade de desenvolver propostas em todas as linguagens o que também causou certa superficialidade no ensino.

Nos anos seguintes um grupo de professores de arte após constantes encontros e reivindicações propõe novas mudanças na LDB.

A atual LDB, lei 9.394/96, estabelece, referindo-se à educação estética: 1) No parágrafo segundo do artigo 26 (capítulo II, seção I) a *obrigatoriedade* do “ensino de arte” nos diversos níveis da educação básica. (JAPIASSU, 2001, p. 65).

A partir daí o ensino de arte em suas diferentes linguagens, passou a ter um espaço maior, solidificado, essencial no processo de formação, fato que ampliou as pesquisas e discussões em torno da disciplina.

Apesar da LDB, não ser tão específica com relação a quais linguagens devem ser trabalhadas no processo de formação escolar, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam algumas linguagens da arte. Segundo eles:

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas

produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (PCN, 2000, p.53).

É importante ressaltar também que em 13 de julho de 2010, a LDB sofreu novamente algumas alterações com relação ao ensino da arte a partir da alteração do artigo 26.

Podemos perceber que o ensino de arte, passou por um longo processo histórico até ser realmente reconhecido a ponto de tornar-se lei e o teatro acompanhou esse processo.

Segundo Japiassu,

A partir da segunda metade do século XX, com o fortalecimento de uma educação através da arte (Read 1977), o teatro e sua dimensão pedagógica começaram a ser pensados na educação escolar de um ponto de vista que ambicionava superar as limitações de seu uso exclusivamente instrumental, isto é como “ferramenta”, “instrumento” ou “método” para o ensino de conteúdos extra-teatrais. (2001, p. 28)

Neste período, o teatro foi visto somente para suprir algumas necessidades das escolas, sendo que o professor o utilizava nas diversas disciplinas da educação básica, para suprir as necessidades de alguns conteúdos específicos, dessa maneira, o teatro acabava sendo trabalhado como instrumento e não como uma linguagem da arte que possui suas especificidades.

Sabemos que o teatro e a educação estão em constante transformação, e com o passar dos tempos percebemos estas modificações, algumas são boas e importantes, como por exemplo, o teatro nos tempos atuais está sendo mais reconhecido como linguagem da arte, pois no decorrer deste processo de transformação “o corpo reflete todas as nossas experiências e tem em si inscrita toda a nossa história; é através dele, essencialmente, que nós nos comunicamos e nos expressamos.” (GAIGER, 2000, p. 110).

Sabemos que o corpo carrega consigo todo o decorrer de uma vida, as emoções, o pensar, a expressão, o movimento, enfim, o teatro pode possibilitar às escolas alternativas que desafiam o homem, sendo capaz de gerar grandes transformações. “O encanto do teatro é efeito de uma prática inesgotável e incansável. [...] Tudo isso pode se perder, no entanto, se tivermos medo de arriscar, de ousar.” (GAIGER, 2000, p. 110).

O teatro mesclado às outras linguagens artísticas poderá proporcionar as escolas o poder de transformação e mudança diante dos estudantes com relação à aprendizagem, pois cada um tem sua individualidade e seu modo de expressão diferente uns dos outros.

Pois,

Ao respeitar as características das diversas linguagens artísticas e, sobretudo, ao considerar a arte como área de conhecimento, a escola estará desempenhando um importante trabalho: mostrar à criança e ao jovem a importância da arte. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2004, p 120).

Nessa perspectiva, o teatro dentro da educação ainda passa pelo processo de transformação, onde os educadores ainda precisam vê-lo e trabalhá-lo como uma linguagem da arte, mesmo não estando dentro da disciplina específica de arte. É preciso que a educação em geral perceba o teatro como um meio que possa proporcionar mudanças no ser humano.

“A questão primordial é sabermos quem é o que somos; o que queremos como seres humanos e professores, que conceito de humanidade nos embriaga; que cidadão queremos formar?” (GAIGER, 2000, p. 108).

São questões como estas que nós educadores devemos refletir todos os dias, antes de qualquer ação dentro do ambiente escolar.

3.4 Aproximações entre linguagens: teatro e artes visuais

No contexto contemporâneo cada vez mais percebemos a fusão e o hibridismo de linguagens nas produções de arte. Minha formação acadêmica se dará em Artes Visuais, no entanto trago como objeto de pesquisa investigar: Que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL desenvolvido na EEB João Frassetto, Criciúma/SC?

Busco relacionar as linguagens e dialogar com as diferentes formas de expressão compreendidas nessa área do conhecimento, já que o artigo 26 da LDB⁸ prevê:

⁸ BRASIL. **Presidência da República: casa civil, Sbcchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm acesso em 07 out. 2011.

“§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Título V, Cap. II, Art. 26, § 2º)

Nesse sentido, o aluno precisa estar em contato com as diferentes linguagens, desafiando a formação do professor. No entanto concordo da ideia que precisamos potencializar a linguagem que temos formação. Busco relacionar as artes visuais e as artes cênicas (teatro). Acredito que na prática teatral é possível relacionar várias linguagens, comungo com Rosa (2010, p. 25), quando aponta:

Quando fizemos teatro ou mesmo o apreciamos vimos muitos elementos, da linguagem sonora, da dança e especialmente da linguagem visual presentes nas cenas que se transformam em uma composição visual, através dos desenhos dos figurinos, da maquiagem, do cenário que se remete a linhas, cores, formas e texturas.

É nessa perspectiva que devemos abordar a linguagem teatral com os alunos, pois ao relacionarmos as artes visuais com a linguagem teatral, estaremos oportunizando a vivência mesclada de linguagens artísticas.

A partir do teatro podemos desenvolver diversos trabalhos que oportunizam a apreciação das outras linguagens artísticas, pois segundo Leal (2000, p. 97), “a linguagem teatral é perpassada pela música, pelo som, pela palavra, pelas artes plásticas, pela dança etc.” Ao dialogarmos com esta variedade de linguagens artísticas, estamos estimulando não só os alunos, mas toda a comunidade escolar que participa e constrói aprendizados.

O contato e a experimentação com as diversas linguagens artísticas, contribuirão para que muitos alunos percebam os diferentes espaços que a arte pode ocupar na escola.

Outro fato importante é pensar a importância dos jogos teatrais nas práticas com o teatro, que segundo Gaiger,

O jogo teatral está estreitamente ligado a ação, ou seja, ele só se realiza à medida que os participantes agem sobre o meio. A ação é o que move o teatro e nossas vidas, a ação [...] provoca o vir a ser, o devir. E nessa condição é transformadora, geradora dos canais de escuta e percepção; geradora da tolerância e do respeito. (2000, p. 110).

Sendo assim, o teatro ligado as artes visuais, poderá despertar nos participantes, diversos momentos de aprendizagem, pois além dos jogos teatrais,

cenas de improviso, os mesmos desenvolvem figuras/imagens, formando assim composições. A construção dos cenários, figurinos, maquiagem formam desenhos e materializam um mundo imaginário. É um quadro vivo que tem o corpo como interlocutor. Nessa perspectiva, alinhando estes saberes ao fazer teatral o aluno vai ampliando seu repertório, e, além disso, assimilando o teatro mesclado as artes visuais.

Gaiger diz que, “o corpo para o ator, é seu único e primordial “instrumento” de trabalho; na verdade, sem a consciência do corpo presente, não há nem nunca haverá teatro.” (2000, p. 110). Por mais que o teatro como oficina na escola, não seja para formar atores, comungo com Gaiger quando diz que não existe teatro sem a presença de um ser humano. Isso é importante ser enfatizado e trabalhado com os alunos, pois se bem trabalhado, o mesmo poderá sofrer transformações fundamentais para o aprendizado de uma vida toda. Todos os trabalhos que antecedem um espetáculo teatral, de alguma forma estão articulados a alguma linguagem da arte e isso contribuirá mais uma vez para o repertório artístico do aluno.

3.5 O teatro no Projeto AMBIAL – EEB João Frassetto o espaço da oficina de teatro

Para falar sobre a E.E.B João Frassetto, trago alguns trechos do Projeto Político Pedagógico da escola que diz:

A Escola de Educação Básica João Frassetto fica situada no Bairro Santa Luzia, Avenida Monte Negro, s/n. [...] Iniciou seu funcionamento em 31 de maio de 1898 na localidade de Linha Anta, em 18 de maio de 1922 foi transferida para a Localidade de Santa Augusta e passou a denominar-se Escola Mista Pública de Santa Augusta.[...] Em 28 de Fevereiro de 1984, foi transformada em Grupo Escolar João Frassetto, pela Portaria E 0045/34. Em 03 de julho de 1985, passou a ser denominada de Escola Básica João Frassetto, pela Portaria nº 238/85 e do Parecer nº 271/85. No ano de 2000, segundo a Portaria E/017 SED, de 28. 03. 2000 no D. O. E. Nº 16.387, de 05.04.2000 passa a denominar-se Escola de Educação Básica João Frassetto.” (2011, p. 5)

No documento consta ainda que:

A Escola de Educação Básica João Frassetto, baseada em sua concepção histórico-social, tem por fim democratizar o conhecimento construído

historicamente pela humanidade, formando assim, indivíduos capazes de transformarem o meio em que vivem.(2011, p. 16)

É nesta escola que está inserido o projeto AMBIAL⁹ (Projeto de Educação Ambiental e Alimentar), que é foco desta pesquisa, é um projeto que surgiu com o intuito de proporcionar experiências e vivências significativas na vida destas pessoas que participam do mesmo. Ao ser criado¹⁰, sua maior função era para que fosse implantado em escolas que possuísse um IDH (Índice de desenvolvimento Humano) baixo, com o intuito de contribuir na qualificação e transformação da realidade social.

Este projeto além de atender alunos, também abre portas para a comunidade que o mesmo está inserido. Segundo o site Portal da Educação¹¹,

A Escola que possui o Projeto AMBIAL planeja as atividades para o turno extra, de forma que a criança possa freqüentar a escola em período integral, complementando seu desenvolvimento cultural e educacional com atividades ligadas ao domínio da linguagem, arte e cultura, esportes e iniciação de pesquisa científica.

Nessa perspectiva, a EEB João Frassetto que desenvolve este projeto desde o ano de 2003, oferecendo diversos cursos e oficinas que oportunizam a ampliação de repertório artístico e cultural dos alunos, além de proporcionar trabalhos voltados a boa alimentação e o meio ambiente.

O projeto AMBIAL, busca também atrair alunos que poderiam estar optando por caminhos da criminalidade, sendo assim, o mesmo tenta acolher e ensinar a estas pessoas a acreditarem no seu potencial enquanto sujeitos que estão em processo de formação. O mesmo também tenta atender as necessidades a partir da realidade daquele local, pois segundo o portal de educação:

Pela sua peculiar plasticidade, o Projeto AMBIAL permite a inserção da cultura regional na escola valorizando os saberes locais, os interesses e o potencial da comunidade para que todos se sintam atores e autores do processo educacional. Essa característica permite à escola descobrir e revelar lideranças comunitárias, formadas por cidadãos que se tornam protagonistas na execução das ações requeridas pela comunidade.

⁹ Portal da Educação. **Ambial**. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial>. Acesso em: 16 out. 2011.

¹⁰ "O projeto AMBIAL é um trabalho voltado para a Educação Ambiental e Alimentar, criado em março de 2003, por um grupo de técnicos da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e tecnologia de Santa Catarina (SED) e representantes de comunidades ligadas à Educação Ambiental e Alimentar." (SANTA CATARINA, 2006, p. 40)

¹¹ Portal da Educação. **Ambial**. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial/380-comoacontece>. Acesso em: 16 out. 2011.

Sendo assim, a escola João Frassetto tenta oferecer meios a estas pessoas, para que elas sintam-se sujeitos que possuem capacidades de progredir na vida, e acreditem que a sociedade precisa deles para este crescimento.

É notável a participação, o envolvimento e o comprometimento tanto da escola como dos alunos e de toda a comunidade que as envolve, pois os trabalhos realizados com estes estudantes, permitem que eles tenham uma nova visão do meio que estão inseridos e também aprendam a ter consciência das suas ações enquanto cidadãos.

Levando em consideração a oficina de teatro, inserida no projeto neste ano de 2011, a mesma trabalha alguns valores que se fazem importantes, indo ao encontro das diretrizes do projeto¹² que:

A Escola AMBIAL trabalha a autoestima do aluno, os valores éticos e morais, a questão da prevenção e cuidados com a saúde, a valorização da vida, o respeito com outro e os quatro pilares da Educação: Aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer.

No entanto, a oficina de teatro possibilita e oferece este aprendizado que permite que o participante sinta-se preparado para enfrentar os desafios que a sociedade em geral possui. O teatro como oficina, trabalhado como uma linguagem da arte, também proporcionará a estas pessoas diversos momentos de conhecimento com relação a esta linguagem, pois estes alunos terão a oportunidade de vivenciar e experienciar estes momentos, e assim aumentarão o seu repertório artístico e cultural, algo importante na vida destes alunos que às vezes desacreditam que na vida ainda é possível sonhar.

¹² Portal da Educação. **Ambial**. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial> Acesso em: 16 out. 2011.

4 NARRATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

A pesquisa em questão apresenta como problema refletir e investigar: que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL desenvolvido na EEB João Frassetto, Criciúma/SC. Para dialogar com estas questões, isento-me como professora do projeto, optando por um olhar de pesquisadora, imparcial aos dados obtidos. Desta forma conto com a participação de doze sujeitos que de alguma forma fazem parte do projeto, sendo quatro professores que atuam no projeto em outras oficinas, além de oito alunos que participam da oficina de teatro desde o início letivo deste ano de 2011 e apresentaram autorização para divulgar suas falas e dizeres.

Para auxiliar na busca de uma resposta e um entendimento deste problema, trago algumas questões que se fizeram pertinentes durante este processo de pesquisa, como: qual o conceito de espaço e lugar para o teatro na escola? Porque a oficina de teatro faz parte do projeto AMBIAL como atividade permanente em 2011? De que maneira os professores conseguem perceber mudanças de atitudes dos alunos que participam da oficina de teatro em outras atividades do projeto? O que pensam os professores e alunos com relação às aulas de teatro do projeto AMBIAL? Os alunos do Projeto AMBIAL que participam da oficina de teatro conseguem perceber mudanças em suas atitudes expressivas?

Questões como estas é que permearam o desenrolar desta pesquisa, e que também foram estes questionamentos que me fizeram optar por entrevistar estes sujeitos.

As entrevistas com os professores e alunos que fazem parte do projeto AMBIAL, foram gravadas individualmente e depois transcritas sendo que nesta pesquisa as mesmas aparecerão divididas em subtítulos para o melhor entendimento das análises. No final proponho cruzar alguns pontos, como por exemplo, falas de alunos e professores, resultando na elucidação do problema proposto.

Trago a seguir falas dos professores entrevistados juntamente com citações de alguns autores que já se fizeram presentes em algum momento nesta pesquisa para dialogarmos com as questões que busco compreender.

4.1 As narrativas dos professores

Os professores que fizeram parte desta pesquisa estão integrados ao projeto há algum tempo. Um deles desde sua implantação.

Visando manter o sigilo de suas identidades, os entrevistados optaram por escolher letras que os identificam nessa pesquisa. O professor A, trabalha com a oficina de Pintura em Tecido, Desenho, Reciclagem e Customização, o professor B, coordena a banda Dendê, já o professor C, a oficina que representa o esporte, oferecendo aulas de Futebol, Tênis de Mesa e Xadrez e o professor D, é responsável pelo paisagismo da escola, e a horta escolar e também é quem cria e produz com os alunos o jornal da escola que acontece em duas edições anuais.

A entrevista ocorreu de forma individual a partir de um roteiro que dialogou com o problema de pesquisa. Em um primeiro momento questiono os professores sobre o que é teatro. Três professores responderam que teatro é uma forma de expressão. O professor D, complementou: *“é uma forma de representar a vida, é uma forma de as vezes trabalhar o exagero ou uma situação que não aconteceria no dia a dia, ou por outro lado um drama, uma crônica em que essas coisas acontecem. Teatro é a pessoa levar essas coisas ao máximo, tanto na comédia, quanto no drama, quanto na crônica, e com relação ao nosso dia a dia.”*¹³

É notório como a fala do professor D discorre sobre especificidades mais profundas do conceito de teatro, lembrando dos pensamentos de PEIXOTO (1980) no capítulo 03 do referencial teórico. Sua fala vai ao encontro dos estudos de Vianna e Strazzacappa, que apontam: “O teatro possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação, ou da criação de personagens. Nele, podemos vivenciar momentos que pertencem ao cotidiano de outras pessoas.” (2004, p. 121).

Baseando-se na citação das autoras, percebo que os professores entrevistados já compreendem algumas especificidades do teatro, pelo fato de entenderem que o teatro não é uma ferramenta onde simplesmente são decorados textos e apresentado nas datas festivas das escolas, mas sim uma forma de expressão, ainda que de pontuado sob um aspecto genérico do termo.

¹³ Opto por destacar a fala dos entrevistados entre aspas e em itálico, evidenciando seus dizeres e sua autoria. É importante ressaltar que as mesmas foram revisadas e autorizadas pelos sujeitos entrevistados.

Para dar continuidade na entrevista perguntei aos entrevistados se o teatro precisa de um lugar específico. Dois deles responderam que não, que o teatro não precisa de um lugar específico, tanto que aponto a fala do professor D, que diz: *“precisa ter um público, mas um local específico não, tu tem atores e estes atores tanto podem tá na praça quanto num palco.”* Com esta resposta, nota-se que dois dos entrevistados acreditam que necessariamente não precisamos de um lugar próprio para que se possa realizar teatro, para isso trago a citação de Peixoto quando diz que espaço teatral hoje é,

Tudo. Uma esquina, um restaurante, um ônibus, um galpão. Até mesmo um teatro tradicional. Basicamente, duas hipóteses são possíveis: usar os espaços tradicionalmente reservados aos espetáculos ou negá-los, inventando quaisquer outros. (1980, p. 38 e 39)

Observo que estes professores já possuem uma outra percepção desta linguagem artística tanto que com esta resposta é possível entender que os mesmos compreendem que a mesma é possível de se trabalhar na escola. Já outros dois professores defendem a ideia de que o teatro merece sim um espaço, pois segundo a fala do professor B, *“o teatro precisa de um lugar específico porque ele também tem o momento de concentração, ele não pode se concentrar com várias conversas, com várias pessoas passando em volta dele (...), ele tem momento de reflexão e concentração, por isso que tem que ter um lugar específico onde ele possa ter todos os materiais específicos pra ele, pra desempenhar bem esse papel.”* Se olharmos para a fala deste professor e relacionarmos este lugar específico do teatro dentro do espaço escolar, é relevante a preocupação do professor, porém não quer dizer que a escola não possua este lugar, pois conforme a citação anterior de Peixoto, qualquer lugar pode-se fazer teatro, isso vai depender da forma que o professor conduzirá este fazer teatral para que o mesmo possa tornar-se significativo na vida do aprendiz.

Dando continuidade as entrevistas, e já tentando dialogar as respostas com o meu referido problema perguntei: como você percebe o teatro no espaço da escola. A partir desta questão, percebi que dois professores entenderam este espaço ao qual me referi como um espaço físico, penso que talvez se perguntasse isso a mais pessoas, talvez teriam este mesmo entendimento, pois uma das respostas revelou, *“aqui ainda no espaço da escola ele é precário, nós devíamos ter*

o espaço bem mais amplo neh, onde tem uma boa acústica neh, pra vê onde a pessoa possa fala, ouvi a sua voz, e também pra te sobre o espaço de acomodação da plateia, onde aqui a gente não tem neh, e alguns pontos específicos do teatro que é os figurinos, onde coloca os figurinos e as suas materiais específicos para o teatro.” Destacou o professor B.

Já outros dois professores comungam com a ideia de um espaço subjetivo, ou seja, o teatro como papel importante para a formação do sujeito. Para isso trago a fala do professor D: *“Útil, muito útil, porque o teatro faz com que o aluno perca a timidez, faz com que ele interprete um fato da história, uma realidade ou alguma coisa, que ele também se expresse, que ele tenha auto suficiência, auto percepção do que ele está fazendo.”*

Este professor vai ao encontro dos estudos de Canton que cita: *“dialogar com esse espaço é também compor uma tapeçaria sonora, visual e tátil, vislumbrando a diversidade idiossincrática de seus habitantes[...]. Conversar com tudo isso é abraçar o caos e se emocionar com o estranhamento.”* (2009, p. 22 e 23). Sendo assim, percebo que alguns professores conseguem ver o teatro no espaço da escola como uma linguagem importante para a formação dos alunos, pois com o fato de perceberem que o mesmo é necessário, isso também contribui para a ampliação da percepção dos professores.

Dando continuidade a entrevista e falando de formação de sujeito que também me remeto a isso no meu problema norteador, questionei aos entrevistados se a oficina de teatro do projeto AMBIAL auxilia na formação do sujeito. Nesta questão, todos os professores apontaram que de alguma forma a oficina de teatro está contribuindo sim, para a formação dos sujeitos envolvidos. Para isso trago os professores A e C que dizem: *“auxilia, auxilia no relacionamento entre os grupos, neh, auxilia no respeito mútuo entre o indivíduo.”* Professor C: *“Claro que sim, sem dúvida nenhuma, o aluno que faz teatro ele já vem mais consciente, mais autocrítico, e ciente do seu papel na escola.”* Com estas respostas pude refletir um pouco e ir além, percebendo que o teatro trabalhado como linguagem da arte, de alguma forma está ajudando não somente os alunos, mas todos que o experienciam de alguma forma, para isso cito Peixoto que escreve:

Finalmente, é oportuno não esquecer que o espetáculo, uma vez realizado, não é algo de definitivamente fixo. Wekwerth encerra um valioso compêndio sobre encenação afirmando que o verdadeiro trabalho do encenador

começa no dia da estréia: “finalmente podemos ensaiar com o personagem que faltava: “o espectador”. (1980, p. 63)

Até mesmo o espectador, em contato com esta linguagem estará ampliando seu repertório que, portanto contribuirá para a sua formação. A oficina de teatro deste projeto de um modo ou outro está oportunizando contato e experiência a toda a escola, pois os espectadores da mesma também fazem parte do espetáculo.

Indo adiante com a pesquisa e tentando buscar mais alguns dados para a mesma, perguntei aos professores se a oficina contribui com mudanças de atitudes positivas ou negativas dos alunos nas demais atividades do projeto AMBIAL. Todos os professores responderam que a oficina de modo geral está contribuindo de forma positiva em cada uma das atividades que o projeto possui. Para isso o professor A que diz que: *“auxilia de forma positiva, [...] auxilia no trabalho em grupo, no respeito, eles se conhecem mais, tem mais um entrosamento entre eles neh.”* O professor D complementa: *“Sim, eu conheço esses alunos a muitos anos, e vi primeiro que eles gostam do teatro, algo que a gente não esperava de início que eles fossem gostar de teatro, e nós temos uma procura boa pra fazer teatro. Outra é que eles se tornaram pessoas mais calmas, mais estudiosas, melhores leitores, participativos, em si ajudou muito. É se foi negativo ou positivo, vejo mais pontos positivos que negativos, na verdade não vejo nenhum ponto negativo em si, eu vejo mais pontos positivos, como citei antes, calma, leitura, desenvoltura, adquirir paciência, noção do que estão fazendo, gosto de procurar novas técnicas e novos estudos.”*

Os professores C e B, também sinalizam mudanças positivas nas atitudes dos alunos envolvidos.

Nesta perspectiva pude diagnosticar que além de os professores perceberem que a oficina está contribuindo de alguma forma para a formação dos sujeitos, eles também conseguem perceber mudanças expressivas nas atitudes dos alunos nas atividades que coordenam, pergunta que também permeava um de meus problemas norteadores desta pesquisa.

Para explorar mais este campo do teatro como oficina dentro do projeto AMBIAL, e entendê-lo também como uma tarefa de aproximar os alunos e desenvolver atividades que explorem valores necessários para a formação destes sujeitos, refiro-me agora ao PCN de arte, quando diz:

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá a oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (BRASIL, 2000, p. 84)

Porém, o aluno quando em contato com esta linguagem artística poderá aflorar mais o seu campo perceptivo, que de alguma maneira contribuirá em outras atividades do seu cotidiano escolar como em outros momentos das suas vidas. Neste aspecto para finalizar esta entrevista perguntei se eles julgavam importante a participação dos alunos na oficina de teatro neste ano letivo de 2011? E por quê?

Todos os professores envolvidos na pesquisa citaram que de alguma forma julgavam o teatro importante, pois estavam percebendo mudanças nos alunos, o professor A, por exemplo, contribuiu dizendo que *“acho positiva, porque agora eles tão conhecendo a linguagem do teatro, como uma linguagem artística, da maneira correta, como ela deveria ser trabalhada em todas as escolas, não só no projeto.”*

É significativa a contribuição deste professor quando diz que a maneira que é desenvolvida esta oficina de teatro na escola João Frassetto, deveria servir de modelo também para outras escolas, pois segundo ele, é uma boa forma de trabalhar o teatro. Para dialogar com esta ideia discorro novamente o PCN de arte:

O teatro, como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, como demonstração de cultura e conhecimento. É por excelência, a arte do homem, exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação. (BRASIL, p. 83)

Por meio da expressão, e do teatro como arte levado a estes alunos, é que esta oficina torna-se importante neste ano letivo de 2011 para esta escola, pois segundo a fala de mais um dos entrevistados: *“os alunos ficaram melhores, se tornaram pessoas melhores, eles nos ajudam mais, eles se ajudam mais, eles participam melhor das aulas, das outras aulas que eles tem fora o AMBIAL, ou seja, matemática, geografia, historia, e eles tem novas ideias e novas percepções.”* (professor D).

Quando terminei as entrevistas, coloquei aos professores do projeto AMBIAL, que quando terminasse de transcrevê-las, eu iria realizar as devolutivas.

Certo disso, nos momentos que os professores estavam disponíveis, individualmente eu lí e perguntei se concordavam que aquilo pudesse ser utilizado em minha pesquisa.

4.2 A narrativa dos alunos da oficina

Os sujeitos que são citados durante a análise de dados, são integrantes da oficina de teatro desde o início de 2011 quando a oficina foi incorporada ao projeto. A faixa etária dos mesmos varia entre onze e quatorze anos. No momento da entrevista propus a cada aluno a escolha de algum personagem que substituísse o seu nome, desta forma dialogo com os seguintes atores/personagens: Cinderela, Hanna, Hulk, Sask, Ben 10, Pequeno Príncipe, Bela e Xuxa.

As falas foram coletadas em um encontro em grupo, onde todos puderam de maneira democrática falar de suas experiências e relações com a oficina na escola.

Ao entrevistar cada aluno individualmente, perguntei no primeiro instante o que era teatro. Dos oito entrevistados, seis responderam que o teatro seria uma forma de expressão, ou para expressar a vida, ou um sentimento, e os outros dois responderam que o teatro seria um tipo de arte que possibilita a interpretação. Destaco a fala do personagem Sask (14 anos) *“Pra mim, teatro é arte mais interessante que existe, porque me ajuda no meu desenvolvimento pessoal, e eu gosto muito de interpretar personagens, e me inspiro também em vários personagens.”* Nota-se que a maioria dos alunos já percebem o teatro como expressão, sendo que alguns já o vêem como arte, para isso comungo com Gaiger, pois segundo ele,

O encanto do teatro é efeito de uma prática inesgotável e incansável. [...] sob semelhante ponto de vista esta prática do fazer teatral pode ser compreendida nas escolas, não como uma preparação de atores, mas como deflagração de um processo no qual as crianças (e também jovens e adultos) se lançam abrindo espaços autênticos e livres de manifestação e expressão. (2000, p. 110)

Partindo desse pressuposto, a função da oficina de teatro não é formar atores, mas permitir que este aluno experiencie esta linguagem que o próprio já o cita como arte. A partir disso percebe-se que o aluno que participa da oficina de

teatro já possui uma concepção autoral do que o teatro representa para si.

Indo adiante nas entrevistas, perguntei se o teatro precisa de um lugar específico. Sete alunos responderam que não, que qualquer lugar pode-se fazer teatro.

O personagem Ben 10 (11 anos) respondeu que: *“Não, não, o teatro ele, pode ser feito em tudo quanto é lugar, não precisa desse lugar específico. Ele pode ser feito em, por exemplo, desde um palco, um prédio, uma rua, ele pode ser feito mais ou menos, há, em todos os lugares.”* Nesta pergunta somente a resposta de um aluno estava em desacordo com a dos outros colegas. O personagem Sask (14 anos) respondeu: *“Eu acho que sim, um espaço amplo, um pouco aberto, pra poder agir melhor.”* Levando em consideração a resposta dos outros sete entrevistados, de que qualquer lugar existe possibilidade de se fazer teatro, pensamos agora no espaço da escola, pois segundo o PCN de arte: *“compete à escola oferecer um espaço para a realização dessa atividade, um espaço mais livre e mais flexível para que a criança possa ordenar-se para a sua criação.”* (BRASIL, p. 85). Sabemos que nem sempre é essa a realidade proposta, mas se analisarmos a fala do último personagem, talvez seja essa a visão do lugar específico ao qual ele se refere.

Continuando a análise, pergunto como percebem o teatro no espaço da escola. A maioria o compreende como um meio que contribui para a sua vida pessoal, como também para o crescimento deles na sala de aula, e também a oficina de teatro está sendo uma oportunidade para que os alunos não busquem caminhos inviáveis para o futuro. Comungando com isso cito o personagem Hulk (13 anos) *“Contribui muito, ajudando bastante pessoa, contribui a trazer mais pessoa pro teatro, a tirar da, a tirar da malandragem, e vim pra fazer teatro. Que é bem mais do que ficar aí fazendo besteira.”* Para dialogar com este questionamento, trago novamente o PCN de arte que diz que o teatro

Proporciona experiências que contribui para o crescimento integrado da criança sob vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano coletivo, [...] o exercício das relações de cooperação, diálogo respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção.” (BRASIL, p. 84).

Percebendo a partir do olhar destes alunos, o espaço da escola como contribuição para a sua formação, entende-se também que o teatro permite que o

aluno ultrapasse seus limites e crie autoconfiança nas atividades do seu dia a dia para que possam superar os problemas da sua realidade social.

Tendo em vista que os alunos consideram que o teatro possui um espaço dentro da escola, a pergunta seguinte busca diagnosticar a partir da fala deles se a oficina de teatro está contribuindo para a sua formação. Todos responderam de alguma forma está contribuindo, três alunos responderam que está contribuindo no resultado dentro da sala, pois se sentem mais a vontade para expressarem suas ideias e pensamentos para um grupo maior. Cito novamente Sask (14 anos) *“Eu acho que sim, porque me ajuda a perder, me ajudou a perder a timidez, que agora apresento os meus trabalhos sem ter medo, antes não era assim, agora posso assim i lá na frente e apresenta sem tremer, sem fica com medo.”* Já Hanna (13 anos) destaca *“Eu acho que assim ó, que ela ta me ajudando assim ó, a não ter vergonha das coisas tipo os meus sentimentos, expressar tudo o que sinto.”* Os outros entrevistados falaram que a contribuição que percebem é com relação a expressão, pois eles acreditam que estão se soltando mais em outros momentos da vida deles, como também deixando de serem pessoas demasiadamente tímidas. Algo que remete ao pensamento destes alunos é dito no PCN de arte, “o professor deve organizar as aulas, [...] oferecendo estímulos por meio de jogos preparatórios, com o intuito de desenvolver habilidades necessárias para o teatro, como atenção, observação, concentração”. (BRASIL, 2000, 86)

Dando sequência a entrevista, perguntei se percebem mudanças de comportamentos em si após terem iniciado a oficina de teatro, Se sim, quais eram as mudanças. A maioria dos alunos entrevistados responderam novamente que o que mais haviam percebido era a maneira de expressar os seus pensamentos, suas ideias, e até mesmo suas atitudes diante das pessoas, bem como a melhora da comunicação. Cito a fala de dois personagens que materializam estas questões: *“Sim agora eu consigo dar resposta, dar respostas, as perguntas com mais coragem, precisão, eu já tenho novas visões, e me ajuda na concentração.”* (Ben 10, 11 anos). Pequeno Príncipe (11 anos) *“É agora eu consigo falar as coisas certo, até fala com o professor, perdi a vergonha, e agora, é perdi a vergonha, aprendi bastante coisa, agora eu sei como me expressa, e é isso, fala.”* Constata-se que os alunos envolvidos nesta oficina realmente envolvem-se com esta linguagem a ponto de perceberem mudanças em suas atitudes expressivas, algo muito importante no teatro trabalhado como linguagem.

E para finalizar a entrevista questiono: A partir da sua opinião, que lugar a oficina de teatro do projeto AMBIAL ocupa em sua vida. Dos oito alunos entrevistados, apenas um conseguiu compreender e explicar de uma forma mais clara e objetiva esta questão, para isso trago o personagem Ben 10 (11anos), que diz: *“Tipo, um lugar muito grande, porque deis de que eu entrei no teatro, ela já me ajuda, ela ocupa um lugar muito grande na minha vida, ela ajuda na, a compreender melhor a arte. Tipo quando a minha professora de arte vai pergunta alguma coisa, eu já sei que ela não ta falando somente daquele tipo de arte, tipo, pintura, pintura, ela já ta falando de vários tipos de arte, isso me ajuda melhor a compreender todos esses tipos.”* Observando a fala deste personagem, entende-se que o teatro está ocupando um lugar dentro da sua sala de aula e, além disso, oportunizando um aprendizado mais amplo sobre esta linguagem que o mesmo poderá utilizá-lo em outros momentos de sua vida.

Outros três entrevistados falaram novamente do teatro como contribuição para expressar algo. Também pude perceber que outros dois alunos falaram que o teatro tinha um lugar especial, porque gostavam de participar da oficina. Para isso trago esses personagens que dizem algo semelhante a minha escrita: *“Ocupa um lugar muito especial, porque eu me inspiro num programa que se chama chaves, porque, é um teatro de comédia, e tem uns atores bem interessantes.”* (Sask, 14 anos). *“Eu venho aqui porque eu gosto. Eu venho pra aprende, se expressa.”* (Xuxa, 13 anos).

Após o término das entrevista, logo iniciei o trabalho de trancrevê-las para as devolutivas aos alunos. Em um momento oportuno, quando consegui reuni todos os entrevistados novamente, eu li as perguntas que havia feito à eles e ia citando o nome de cada personagem e suas respostas.

Com isso concluí, que os alunos entendem que a oficina está ocupando um lugar privilegiado em suas vidas, pois só o fato de participarem da mesma já estão ampliando o seu repertório artístico, também é importante refletir, que mesmo que o teatro ocupe um lugar mais subjetivo na vida de cada um, é um lugar que de alguma forma está realizando alguma transformação positiva que aos poucos o ambiente escolar e a própria sociedade mais tarde irá perceber, aproximando-se dos propósitos desse projeto.

4.3 Contraponto: Narrativas entrelaçadas – aproximações no olhar dos professores e alunos

Remetendo-me agora a análise de dados dos professores e alunos entrevistados, disponho-me a olhar para estes dados e realizar uma reflexão mais aguçada, trazendo novamente algumas questões que se fazem pertinentes neste capítulo. Para iniciar retomo a primeira questão da entrevista que buscava o conceito de teatro. Percebi que a maioria dos alunos como os professores citaram o teatro como forma de expressão: de sentimentos, pensamentos, ideias. A partir disso, dialogo com a fala de Vianna e Strazzacappa, quando, “a arte propicia o exercício da sensibilidade, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas.” (2004, p. 117). Partindo desta possibilidade é que relaciono as falas dos entrevistados a esta citação, pois o teatro como linguagem, é expressão e conhecimento sensível.

Refletindo sobre o meu problema, no que se refere ao espaço do teatro na escola, a maioria de todos os entrevistados percebem que sua presença é fundamental, uma vez que o mesmo está contribuindo para a formação dos sujeitos ali presentes. É notável a partir da fala de professores e alunos que está sendo um experiência nova, e já parafraseando Vianna e Strazzacappa (2004, p. 127): “na escola, o teatro não tem por objetivo profissionalizar ator, mas proporcionar ao aluno a vivência dessa linguagem artística,” percebe-se que estes sujeitos estão tendo este devido contato com esta arte.

Já a Matriz Curricular do Projeto AMBIAL, que ao citar arte e cultura propõe:

Oportuniza ao aluno condições de manifestar suas emoções, criações, sentimentos e conhecimentos por meio das expressões artísticas, (re)descobrimo suas competências e habilidades. As vivências são dadas pelas atividades de teatro, Dança, música, artes plásticas e artesanato abordando as manifestações artísticas, das diferentes culturas. (SANTA CATARINA, 2006, p. 46)

Comungando com esta citação trago duas questões que foram realizadas nas entrevistas, uma feita com professores e outra com alunos. A primeira perguntava: Você acredita que a oficina de teatro do projeto AMBIAL auxilia na formação do sujeito? E a outra direcionada aos alunos: Você acredita que as aulas

da oficina de teatro estão contribuindo para a sua formação? Nesta perspectiva pode observar os dados e perceber que tanto professor como os próprios alunos percebem a oficina de teatro como fator positivo de contribuição para os sujeitos envolvidos, pois ela permite o contato e proporciona novas experiências com a linguagem da arte, comungando com os pressupostos delineados pela matriz curricular do projeto.

4.4 (Pro)posições: Projeto de Extensão

Título: Oficina de Teatro do projeto AMBIAL: outras possibilidades

Ementa: Pressupostos teóricos e práticos da matriz curricular do Projeto AMBIAL. Conceitos de teatro, espaço e lugar. Laboratório de voz, gesto, improvisação e montagem teatral. Formação de plateia.

Carga horária: 20h/a

Público alvo: Professores do projeto AMBIAL e alunos que participam da oficina de teatro.

Justificativa:

Ao longo desta pesquisa, foram citados em diversos momentos o quanto o teatro trabalhado como linguagem pode proporcionar ao ser humano experiências que poderão contribuir para a formação dos sujeitos.

Sendo assim, busco desenvolver um projeto que proporcione estas experiências aos principais envolvidos com esta pesquisa, que são os professores que fazem parte do projeto AMBIAL, e alunos que participam/aram da oficina de teatro no ano letivo de 2011.

Para dialogar com meu problema de pesquisa, que é descobrir que espaço ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos sujeitos envolvidos no projeto AMBIAL, proponho dividir dois grupos para a realização desta oficina. Um grupo de professores e outro de alunos, pois assim facilitará o trabalho e proporcionará um melhor entendimento do que será proposto. Ao final da oficina, será proposto um encontro onde serão reunidos professores e alunos visando trocar

experiências vividas durante o processo de desenvolvimento do mesmo.

Esta oficina proporcionará aos envolvidos maior compreensão sobre a linguagem teatral, e além disso, conduzirá os professores e alunos a experienciarem e vivenciarem em diversos momentos os conhecimentos que o teatro pode lhes oferecer. Além disso, visa possibilitar a ampliação de repertório artístico e contribuir para a formação destes sujeitos, abrindo dessa forma mais portas para esta linguagem dentro do projeto AMBIAL.

Objetivo Geral: Proporcionar aos professores do AMBIAL e alunos da oficina de teatro, maior compreensão sobre a linguagem teatral e ampliação de repertório artístico para a sua formação.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer o teatro como linguagem da arte dentro do projeto AMBIAL;
- Realizar trabalhos que envolvam o grupo de forma coletiva a partir da experimentação nos laboratórios de jogos teatrais;
- Ampliar o conhecimento dos professores e alunos com relação às funções do teatro;
- Propor aos envolvidos diferentes experiências no cotidiano escolar dentro desta linguagem da arte;
- Produzir e apreciar montagem teatral a partir das experiências vivenciadas.

Metodologia

Tabela 1

Encontros propostos para professores do projeto AMBIAL			
Encontros	Horário	Carga horária	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
1º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentar o teatro como linguagem artística, apresentar e contextualizar a Matriz Curricular AMBIAL, para melhor entendimento da inserção do teatro dentro do projeto. ➤ Breves conceituações sobre

			<p>teatro, espaço e lugar.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Realização de trabalhos de jogos teatrais e alguns exercícios de voz, respiração, expressão, relaxamento. ➤ Propor atividades de improviso, a partir de situações cotidianas escolares.
2º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para dar continuidade ao trabalho, apresentar alguns vídeos que mostram e falam da montagem e criação de cenários, figurinos, personagens, espetáculo teatral; ➤ Propor a eles que criem uma peça teatral, que dialogue com o projeto AMBIAL, e as respectivas oficinas que cada um desenvolve, partindo dos conceitos de improviso.

Tabela 2

Encontros propostos para alunos da oficina de Teatro			
Encontros	Horário	Carga horária	TÍTULO DA ATIVIDADE
3º	13h às 17h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentar o teatro como linguagem artística por meio de alguns recortes históricos. Falar sobre o projeto AMBIAL; ➤ Realizar trabalhos de jogos teatrais e alguns exercícios de voz, respiração, expressão, relaxamento. ➤ Propor atividades de improviso, a partir de situações cotidianas escolares.

4º	13h às 17h	4h/a	<p>➤ Para dar continuidade ao trabalho, apresentar alguns vídeos que falam da montagem e criação de cenários, figurinos, personagens, espetáculo teatral;</p> <p>➤ Dividir os participantes em dois grupos e propor a eles que criem uma peça teatral que dialogue com o projeto AMBIAL. Um grupo irá dar ênfase nos projetos que desenvolvem trabalhos: ambiental, alimentar e esporte e outro grupo ficará com os projetos que representam arte e cultura.</p> <p>O encontro final será para reunir o grupo de professores e alunos para apresentarem suas produções e ao mesmo tempo apreciarem o que foi preparado.</p>

Tabela 3

Encontro proposto para professores e alunos			
Encontros	Horário	Carga horária	TÍTULO DA ATIVIDADE
5º	13h às 17h	4h/a	<p>➤ Este encontro será especialmente para reunir as produções dos professores e alunos. A princípio terão um tempo para se organizarem e interagirem.</p> <p>➤ O segundo momento do encontro, será apresentado a todos os participantes um breve resumo das produções.</p> <p>➤ Iniciará as apresentações com os professores e logo os dois grupos de alunos.</p> <p>➤ Ao final desta proposta, será realizado um círculo de debates para que os participantes falem das suas experiências e vivências e também como forma de contribuição, o que aprenderam e irão levar como aprendizado.</p>

5 CONCLUSÃO

Ao terminar minha pesquisa que buscou refletir e investigar que “espaço” ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL desenvolvido na EEB João Frassetto, Criciúma, foi possível compreender como os professores e alunos envolvidos dimensionam a oficina teatral na dinâmica cotidiana do projeto.

As falas dos alunos e professores envolvidos nas oficinas, laboratórios e jogos teatrais desenvolvidos no projeto AMBIAL, possibilitaram a coleta de informações relevantes para a compreensão do papel da linguagem teatral no desenvolvimento cultural do ser humano e forneceu pistas importantes para a implementação de projetos pedagógicos escolares, que pretendam demarcar o espaço e o lugar das artes, e em especial do teatro, nos currículos, valorizando-as como formas superiores de ação e funcionamento mental humanas. Outro fator importante, observado no decorrer da pesquisa, foi a contribuição do teatro para a perda da inibição, entrosamento, projeções e desenvolvimento corporal em situações cotidianas, fato observado na própria coleta de dados.

No decorrer da pesquisa, ao dialogar com estes alunos e professores, pude perceber a partir das respostas, dizeres e fazeres outras formas de compreensão sobre as conceituações sobre teatro, espaço, lugar, ocupando uma importante esfera para a formação dos sujeitos.

O espaço do teatro na escola é reconhecido como um território que possibilita trocas, experimentações, vivências. A prática da oficina teatral é vista como possibilidade de ampliação estética e vai ao encontro dos pressupostos tratados por diferentes autores referenciados nesta pesquisa.

As entrevistas revelaram também que a partir da oficina de teatro houve uma mudança atitudinal do grupo envolvido. Os alunos se tornaram mais comunicativos, com espírito de coletividade nas diversas áreas de ensino da escola. Segundo os professores entrevistados, percebe-se mudanças positivas por meio de atitudes expressivas dentro das suas oficinas, sendo esse um dos parâmetros que permeavam meu problema de pesquisa.

O teatro tem sido compreendido no projeto como um elemento de transformação, superando-se a compreensão da ferramenta pedagógica para a linguagem de arte. Isso se evidencia a partir do momento em que os alunos citam os

jogos, os experimentos com voz e gesto, improviso como fatores que são significativos em suas experiências com a oficina.

Com a realização das atividades propostas e o contato com os jogos cênicos, improvisos e construção de representações, bem como suas relações, os alunos revelam em suas falas respostas significativas sobre as questões, evidenciadas no decorrer das entrevistas. Outro fator relevante foram os depoimentos do grupo sobre a linguagem vivenciada. Estes perpassam o senso comum e abrangem o conhecimento científico e sensível.

Importa, também, fazer das vivências e das práticas um momento mágico, a permissão para a invenção espontânea, a abordagem sensível do real, incitando todos os envolvidos a viverem e a exprimirem o que sentem na relação com eles e com os outros, além de reviver e representar as imagens do mundo como práticas estreitamente dependentes do teatro.

Deixo como proposição e possível caminho para contribuir com a formação cultural e a construção do olhar dos sujeitos em relação as práticas de oficina teatral, uma proposta de curso de extensão na perspectiva de possibilitar diálogos, compreensões e novas significações.

Contudo, apenas um ensino criador que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas.

Sendo assim, conclui-se também com esta pesquisa, que os professores e alunos envolvidos com o projeto Ambial e a oficina de teatro, compreendem as concepções de espaço e lugar que a mesma ocupa no ambiente escolar. Percebem também sua relevância neste ano letivo de 2011, uma vez que a mesma possui uma parcela de contribuição na vida e na formação cultural dos envolvidos na proposta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas nas escolas. In FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas nas escolas. In FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004

ASSANO, Christiane Reis Dias Villela. Um pequeno Divertissement de garrafas, sapatos e cacarecos... In: GARCIA, Regina Leite (org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 2.ed Brasília: DP&A, 2000.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1995.

CORRÊIA, Cristina Bergmann. **Fotografia: a poética da luz em busca de narrativas na construção de um olhar crítico e reflexivo em torno da exposição “mostrando a cara: a produção e o artista”**. 2009. 108 f. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009 Disponível em: <http://www.bib.unesc.net>

FERREIRA, Taíz. **A escola no teatro** e o teatro na escola. Porto Alegre: Mediação, 2006.

GAIGER, Paulo. A escola, o corpo, o teatro uma fotografia no deserto. In: **Congresso Nacional de Reorientação Curricular**, 2., 2000. Blumenau. Anais. Blumenau: Edifurb, 2000, p.107-11.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino do teatro**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEAL, Antônio. Teatro na escola: da clausura à libertação. IN: GARCIA, Regina Leite (org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, Rio de Janeiro. 2000.

- MARTINS, Mirian Celeste (Org). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós Graduação. Vol. 1, São Paulo: Art Color, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed Petrópolis:Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho. Relações entre linguagens. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e (Org.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó/SC: Argos, 2008, p 75 a 97.
- PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola de Educação Básica João Frassetto**. 2011.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ROSA, João Gabriel da. **Arte em cena : um recorte sobre o olhar dos professores da rede municipal de Içara/SC em relação ao teatro na escola**.2010. 69 f. TCC (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010 Disponível em : <<http://www.bib.unesc.net>.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Modelos Diferenciados de Escolas**. – Florianópolis: IOESC, 2006.
- SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- SILVA, Silemar Maria de Medeiros da. . **"Minha escola é assim..."**: reflexões sobre a produção de um filme com crianças. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009.
- VIANNA, Tiche, STRAZZACAPPA, Márcia. Teatro na educação: Reinventando mundos. In: FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3 ed Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- YOLANDA, Regina. Artes visuais na Escola. In: GARCIA, Regina Leite(org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte ciência**. Campinas: Autores Associados, 2001

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BRASIL, **Presidência da República: casa civil, Sbcchefia para assuntos jurídicos.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 07 out. 2011.

Portal da educação. **Ambial.** Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial> . Acesso em: 16 out. 2011.

_____. **Ambial: Como acontece.** Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial/380-comoacontece>. Acesso em: 16 de out. 2011.

_____. **Ambial.** Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial>. Acesso em: 16 out. 2011.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A – Autorização

AUTORIZAÇÃO

Eu,

_____portador do
 RG_____ (nº da identidade), professor do projeto AMBIAL – E.E.B. João Frassetto de Criciúma/SC estou ciente da pesquisa de Danuzia Corrêa Matiola acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo refletir e investigar que espaço ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL. Autorizo também a fazer uso de minhas falas gravadas em entrevista e transcritas na pesquisa como parte integrante de seu trabalho de pesquisa.

Atenciosamente,

 Assinatura do Professor

Criciúma, setembro de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu,

_____portador do
 RG_____ (nº da identidade), pai mãe e/ou responsável autorizo a
 utilização das falas e escritas de meu filho(a)
 _____ aluno do projeto AMBIAL – E.E.B.
 João Frassetto de Criciúma/SC como dados para a pesquisa de Danuzia Corrêa Matiola acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo refletir e investigar que espaço ocupa a linguagem teatral na formação cultural dos alunos e professores envolvidos no projeto AMBIAL.

Atenciosamente,

 Assinatura do aluno/pai e/ou responsável

Criciúma, setembro de 2011

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista com professores:

1. O que é teatro para você?
2. O teatro precisa de um lugar específico?
3. Como você percebe o teatro no espaço da escola?
4. Você acredita que a oficina de teatro do projeto AMBIAL auxilia na formação do sujeito?
5. A oficina contribui com mudanças de atitudes positivas ou negativas dos alunos nas suas atividades do projeto AMBIAL?
6. Você julga importante a participação dos alunos na oficina de teatro neste ano letivo de 2011? Por quê?

Entrevista com alunos:

1. O que é teatro para você?
2. O teatro precisa de um lugar específico?
3. Como você percebe o teatro no espaço da escola?
4. Você acredita que as aulas de teatro estão contribuindo para a sua formação?
5. Você consegue perceber mudanças de comportamentos em si após ter participado da oficina de teatro? Se sim, quais mudanças?
6. A partir da sua opinião, que lugar a oficina de teatro do projeto AMBIAL ocupa em sua vida?